

Pandemia ou Sindemia? O psicológico na pós-pandemia

Entrevistas:

Dra. Célia Regina da Silva Rocha – **Unicsul**

Dr. Joel Rennó Jr. – **USP e ABP**

Dra. June Melles Megre – **Hospital Samaritano**

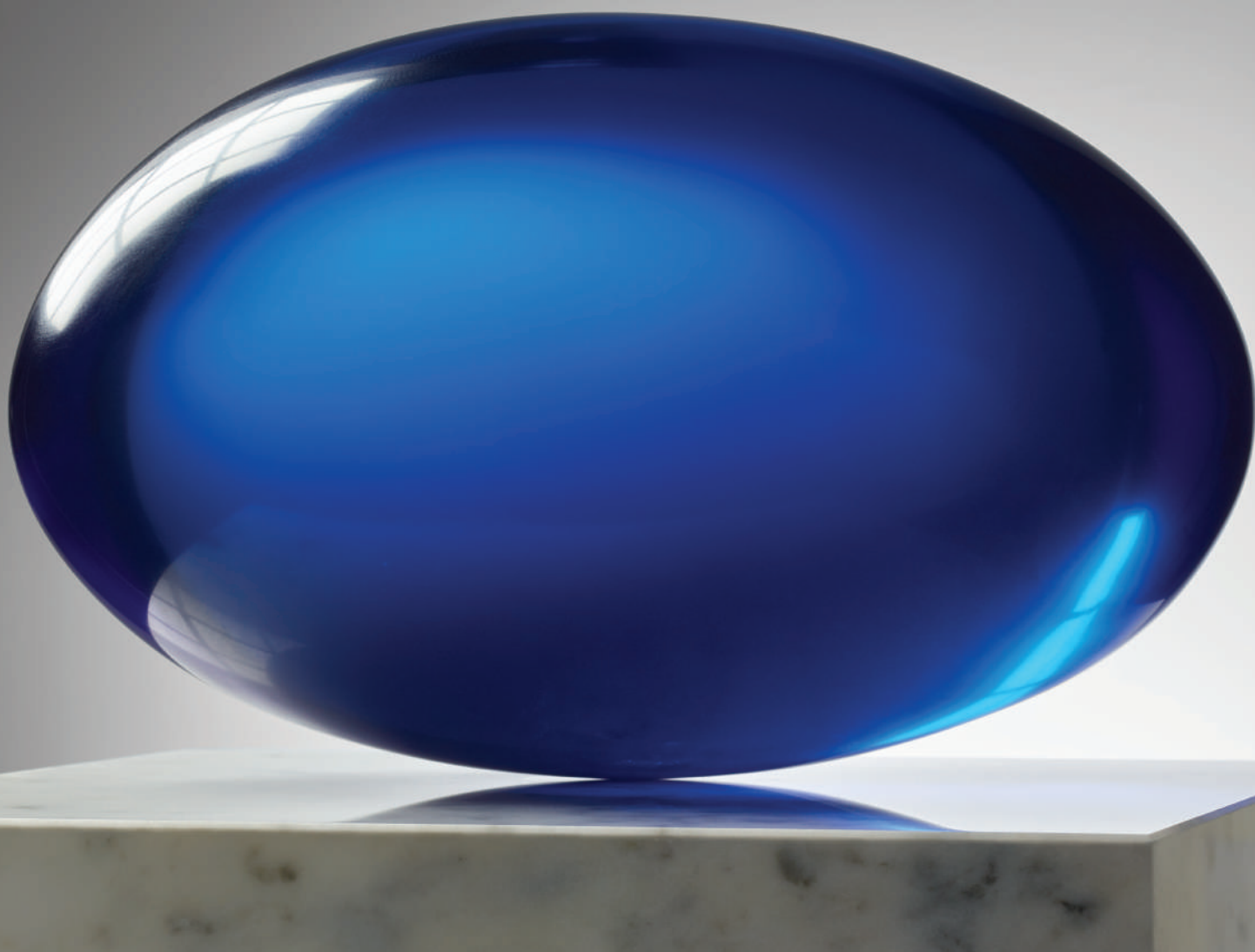
Dr. Kalil Duailibi – **Unisa**

Dr. Rafael Trevizoli Neves – **Socesp**



E mais:
Conheça também
os grandes finalistas da

44^o Lupa de
Ouro



A FORMULAÇÃO DO PRODUTO É CIÊNCIA, MAS A FORMA DO PRODUTO É ARTE.

Os produtos mais bem sucedidos na área de Consumer Health são aqueles desenvolvidos com base na ciência de nutrição humana e com design moderno na forma de dosagem.

A paixão e expertise da Catalent em milhares de lançamentos de sucesso e bilhões de doses fornecidas, podem suportar o crescimento da sua marca no mercado. **Catalent**, onde a ciência encontra a arte.

Catalent
CONSUMER HEALTH

DPM Editora LTDA.
Endereço correspondência:
Rua Cunha Gonçalves, 138
05594-070 - São Paulo - SP - Brasil
Tel./Fax: (11) 5533-5900
E-mail: revista@dpm.srv.br

Publisher

Nelson Coelho - Mtb 50.499

Editora

Madalena Almeida - Mtb 20.572

Comercial

Tel.: (11) 5533-5900
anuncio@dpm.srv.br
Francisco José Schiffrini
E-mail: francisco@snifdoctor.com.br

Direção de arte:

Raquel Correia

Colaboradores desta edição:

Célia Regina da Silva Rocha, Floriano Serra,
Hamilton Conde, Isabel Fomm de Vasconcellos,
Izaqueo Leal, Joel Rennó Jr., June Melles
Megre, Kalil Duailibi, Lauro D. Moretto, Marco
Antonio Stephano, Nelson Mussolini, Octávio
Nunes, Rafael Trevizoli Neves, Renata Spallicci,
Tais Capito, Thais Moreno e Yuri Trafane.

Circulação: Impressa e Digital

A Revista UPpharma é uma publicação bimestral da DPM Editora Ltda. Este descritivo está em conformidade com as leis de imprensa, uma vez que a DPM é responsável pela produção do conteúdo editorial da Revista. As informações contidas nos artigos de nossos colaboradores não refletem necessariamente a opinião desta Editora.

Cartas para a redação

Revista UPpharma
E-mail: cartas@dpm.srv.br

Assinatura

E-mail: assinatura@dpm.srv.br
Tel.: (11) 5533-5900

Fale com o editor

editor@dpm.srv.br

Sites

www.dpm.srv.br
www.dpmeditora.com.br

Resiliência e reflexão

O imediatismo cedeu lugar à paciência. Se estávamos acostumados a resolver tudo de uma hora para outra, 2020 foi o professor da tolerância com o tempo.

E o que pode ser aproveitado desta lição? Primeiro, tem de se entender as consequências do obrigatório período de aprendizado que vivemos, e ainda estamos experimentando.

Não menos importantes, mas deixando um pouco para segundo plano os aprendizados com a convivência familiar, teremos pela frente o reaprendizado da convivência profissional que começará gradativamente, como também o do desapego da convivência familiar mais próxima, possibilitada pelo home office, que trouxe a sensação de segurança de que ao fecharmos a porta da casa “deixamos o bicho” para fora.

Impossível sair desta aula da vida da mesma maneira que entramos: ou estaremos melhores ou piores! Mas em qualquer mudança de modo de vida, a adaptação será necessária.

A cada notícia que aparece na mídia sobre cura, vacina ou remédio, a população comemora como um quase gol no campeonato mundial “humanidade versus vírus”. O gol, ou melhor, a cura e prevenção virão. Seja em breve ou mesmo que demore um pouco mais, a solução já está batendo na porta. Então, prepare-se!

Para tentar entender um pouco mais do que acontece com o psicológico nessa fase de adaptação, convidamos expressivos nomes da área da saúde mental para esclarecer como podemos trabalhar nossa mente para viver esse novo período.

Agradecemos a cada profissional que participou desta matéria. Um especial e carinhoso agradecimento a Isabel Fomm de Vasconcelos, nossa colega de longa data na UPpharma, que ajudou com os contatos e a apuração das entrevistas com os médicos.

Desejamos que este final de ano seja um período de reflexão, principalmente, sobre a convivência humana.

Boa leitura!

Nelson Coelho
Publisher





CAPA


14 SAÚDE MENTAL 


Pandemia ou Sindemia: O que estamos vivendo e quais serão os impactos no futuro?

18 | A pandemia e a saúde do coração
- Dr. Rafael Trevizoli Neves. 

20 | Os médicos também ficam doentes
- Dr. Kalil Duailibi. 


23 | ABP: A contribuição para manter a saúde mental da população e dos médicos. 

24 | A saúde mental da mulher - Dr. Joel Rennó Jr. 

28 | Idosos e jovens: grandes vítimas da depressão - Dra. June Melles Megre. 

30 | Suicídio - a difícil convivência consigo mesmo - Dra. Célia Regina da Silva Rocha. 

33 | Transformação digital que vai além da utilização de tecnologias de ponta - Izaqueo Leal. 

34 | Desafios e aprendizados do ano que jamais esqueceremos - Renata Spallicci. 

LEIA MAIS

06 | Conta-Gotas 


Resumo das principais notícias do setor farmacêutico.

08 | Sindusfarma 

Sem pesquisa não há inovação, saúde e desenvolvimento - Nelson Mussolini.

10 | Premiação 

Confira os finalistas da Lupa de Ouro 2020, que será totalmente virtual.

13 | Marketing de Conteúdo 

O blog é um local em que você tem liberdade para se comunicar com seu cliente - Yuri Trafane.

36 | Propaganda Médica 

Representante em home office e visitas on-line: desafios para a IF - Hamilton Conde.

38 | Saúde Feminina 

Se o meu filho mandasse em mim - Isabel Fomm de Vasconcellos.

40 | Ponto de Vista 

A pandemia, o futuro e a autocrítica do SUS - Octávio Nunes.

42 | Aconteceu 

Prêmio Sindusfarma de Qualidade 2020 reconhece os melhores fornecedores da IF.

45 | Comunicação 

Os três ingredientes essenciais de um treinamento em comunicação - Yuri Trafane

46 | Marketing de Acesso 

O paciente será ouvido pela CONITEC: qual o papel da indústria farmacêutica? - Thais Moreno.

48 | Ciências Farmacêuticas 

A Covid-19 e os desafios nas ciências farmacêuticas - Lauro D. Moretto e Marco Antonio Stephano.

52 | Propriedade Industrial 

VIAGRA x AH-ZUL - Violação de Trade Dress - Tais Capito.

54 | Dose Única 

Espiritualidade: Afinal, o que é isso? - Floriano Serra



A FORÇA DO SEU
MARKETING COMO VOCÊ NUNCA VIU!

11 3230-9010 | 3dgarage@3dgarage.com.br

WEBSITES, BLOGS E PORTAIS | E-MAIL MARKETING | GOOGLE ADWORDS
GESTÃO DE REDES SOCIAIS | CRIAÇÃO DE LOGOTIPOS

A black pendant lamp with a glowing yellow lightbulb hanging from the ceiling. The background is a textured brick wall.

Executive e Business
COACHING
Coaching de times de alta performance

Atuando em dois níveis, o coaching de times, complementa o trabalho do coaching individual, com líderes e equipe, para se entender os pontos de vista de cada um, e assim podendo contribuir para uma melhora de performance da equipe.

E SUA EMPRESA ESTÁ TOTALMENTE ALINHADA?

11 992 123 264
contato@sergioalbuquerque.com.br

A stylized logo consisting of a red and orange shape that resembles a lowercase 's' or a flame.

**SERGIO
ALBUQUERQUE**
coaching & consultoria empresarial

Conta-Gotas

Voltar ao Sumário



“O QUE REALMENTE FAZ O CONSUMIDOR DECIDIR COMPRAR OU NÃO COMPRAR É O CONTEÚDO DE SEU ANÚNCIO, NÃO A SUA FORMA.”

(David Ogilvy)

GIRO

Renata Spallicci é a nova Vice-Presidente da Apsen. Há 17 anos na empresa, ela atuava como Diretora de Assuntos Corporativos. Além de estar à frente da vice-presidência, Renata é escritora, palestrante, apresentadora, rainha de bateria, modelo fitness, atleta profissional de fisiculturismo e empreendedora social.

A Galderma Brasil anunciou a chegada do novo gerente de produto sênior da unidade de negócio Aesthetics, **Bruno Fernandes** Machado. O novo executivo responderá para a gerente de marketing de Produtos, **Bruna Pessuto**. Com mais de 22 anos de experiência no mercado farmacêutico, construiu sua carreira em posições de marketing e vendas.

A GSK Consumer Healthcare (CH) tem novo Presidente para a operação no Brasil: o executivo **Camilo Tedde** terá como desafio de manter o sucesso do negócio que, após a joint venture com a Pfizer CH, em 2019, passou a reunir importantes e conhecidas marcas dos consumidores no mesmo portfólio, como Sensodyne, ENO, CataflamPro, Corega, Advil, Centrum e Caltrate.

TECNOLOGIA

A Eurofarma acaba de lançar sua plataforma de e-commerce no site da companhia. Ao clicar em um dos mais de 500 medicamentos genéricos, prescrição médica e OTC disponíveis, o consumidor tem acesso a uma lista de drogarias e farmácias onde o produto está disponível e um comparativo de preços.

O Aché inaugurou o seu primeiro laboratório voltado exclusivamente para análise de dados em larga escala (Big Data) e inteligência artificial: o InSPIRe Lab (In Silico Prediction, Information & Research Lab) que tem como objetivo gerar novos insights sobre usos terapêuticos de produtos naturais, planejar novas moléculas derivadas e/ou inspiradas por estes, prever suas propriedades biofarmacêuticas.

PARCERIA

A Interfarma e o Sindusfarma lançaram o “Guia LGPD – Indústria Farmacêutica”. Para elaborar o Guia, foram realizadas entrevistas com várias empresas associadas às duas entidades para entender quais os impactos da LGPD sobre elas. A Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, nº 13.709, foi aprovada em 2018 e entrou em vigor no dia 18 de setembro de 2020. Ela define limites e condições para coleta, guarda e tratamento de informações pessoais.

INVESTIMENTOS

O Laboratório Cristália criou um portal exclusivo para médicos com o objetivo de prestar informações sobre tromboembolismo, ocorrência que ficou em evidência em função da pandemia da Covid-19, mas que pode ocorrer em qualquer fase da vida.

Você tem 10 minutos para vender o seu produto para o médico?

A gente tem!



www.snifdoctor.com.br

- Mais de 10 minutos a cada visita
 - Mais de 93.000 médicos assinantes
- ➔ E seu produto pode estar em Destaque

Ligue (11) 5533-5900 e marque uma apresentação, ou por e-mail dpm@dpm.srv.br



Rua Cunha Gonçalves, 138 - 05594-070
São Paulo - SP



SnifDoctor
.com.br

Seu produto por mais tempo perto do médico mais distante e do mais ocupado.

SINDUSFARMA

Sem pesquisa não há inovação, saúde e desenvolvimento

No momento em que o Brasil começa a rediscutir seus grandes temas sociais e econômicos num cenário de pós-pandemia, o aperfeiçoamento do marco regulatório de pesquisa clínica aponta para a direção correta.

A importância das pesquisas clínicas ganhou as manchetes da Imprensa por causa da corrida mundial pelo desenvolvimento de vacinas contra o novo coronavírus. O grande público passou a conhecer pormenores desse processo e, principalmente, seu papel fundamental na definição da segurança e da eficácia de vacinas e medicamentos.

Um aspecto menos explorado no noticiário é o papel estratégico das pesquisas clínicas de medicamentos para o avanço da inovação, como rota de aprimoramento da base científica e tecnológica dos países e de atração de investimentos para suas empresas e instituições públicas e privadas da área da saúde. Esta regra vale para o Brasil e para o mundo.

O Brasil tem tradição e experiência em ensaios clínicos; possui pesquisadores, hospitais e centros de pesquisa de renome internacional. Tanto assim, que quatro vacinas promissoras contra o SARS-CoV-2 estavam sendo testadas em fase 3 no País, em novembro, em estágios avançados. Mas há um problema: o excesso de regras burocráticas emperra esse processo, impedindo que a nação faça mais estudos e tire proveito de sua comprovada experiência nesse campo.

O País perde investimentos de mais de R\$ 2 bilhões todos os anos por causa dessa morosidade e de dispositivos que, por gerarem insegurança jurídica, afugentam os patrocinadores das pesquisas clínicas. Além disso, o fortalecimento do sistema de ensaios clínicos é essencial para o desenvolvimento e a oferta de novos medicamentos e vacinas no Brasil.

Para que esse sistema prospere, é necessário estabelecer um sistema rápido e juridicamente seguro, que mantenha a ética e a proteção do paciente, garanta o rigor técnico-científico e esteja alinhado aos procedimentos adotados nos principais centros de pesquisa clínica do mundo – Estados Unidos, União Europeia, Japão etc.

A atual situação no Brasil é insustentável. No cenário global, o País tem os prazos mais longos de aprovação de ensaios clínicos. Ao ser protocolado, um projeto demora, em média, oito meses para avaliação ética e sanitária dos estudos clínicos, podendo chegar a mais de um ano. Somam-se a isso, as inevitáveis pendências e exigências de alteração dos protocolos de pesquisa durante o seu desenvolvimento. Nos EUA, este prazo é de 45 dias, na Europa é de 60 dias e na Argentina e no México varia entre 30 e 90 dias.

O fortalecimento do sistema de ensaios clínicos é essencial para o desenvolvimento e a oferta de novos medicamentos e vacinas no Brasil.



Num modelo ideal, instituições com reputação internacional na condução de ensaios clínicos, como o Hospital Sírio-Libanês, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o Hospital Moinhos de Vento, o Hospital Israelita Albert Einstein e o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, da UFRJ, entre outros importantes centros de pesquisa no País, devem ter mais autonomia nas decisões e nos ajustes dos protocolos durante a realização dos ensaios, cabendo à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) e aos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) a atribuição de orientar e supervisionar os trabalhos.


Urge, portanto, adotar um modelo de análise e aprovação de pesquisas clíni-

cas eficiente e descentralizado, que, ao mesmo tempo, dê a necessária segurança jurídica para pacientes, pesquisadores, instituições médicas e patrocinadores. E este modelo já existe.

O Projeto de Lei 7082/2017, de autoria da senadora Ana Amélia, com texto substitutivo do deputado federal Hiran Gonçalves, que atualmente tramita na Câmara dos Deputados, oferece uma proposta bem fundamentada, que contempla todos os aspectos relevantes da questão.

Apoiada pelas entidades que reúnem os principais especialistas em pesquisa clínica do País – Sociedade Brasileira de Medicina Farmacêutica (SBMF) e Aliança

Pesquisa Clínica, entre elas –, essa proposta estabelece a descentralização do sistema, fixa prazos para as aprovações regulatórias, garante segurança jurídica e dá autonomia à Conep, definindo sua atuação como órgão de educação, credenciamento, fiscalização e de segunda instância de avaliação.

No momento em que o Brasil começa a rediscutir seus grandes temas sociais e econômicos num cenário de pós-pandemia, o aperfeiçoamento do marco regulatório de pesquisa clínica aponta para a direção correta. Mostra como conciliar e promover inovação, saúde e desenvolvimento. 

Nelson Mussolini é Presidente Executivo do Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos (Sindusfarma) e membro do Conselho Nacional de Saúde.
E-mail: presidencia@sindusfarma.org.br

Mídias

 UP Pharma



*93.000 médicos e 14.400 profissionais da IF

Para leitor classe A

Líder em comunicação na área da saúde,
mais de 100.000* assinantes em 2020!

44 anos



Lupa de Ouro 2020

Conheça os finalistas da edição que será totalmente virtual



Um dos prêmios mais esperados pela indústria farmacêutica, o Lupa de Ouro 2020 já tem data marcada: o anúncio dos grandes vencedores acontecerá em 26 de novembro pela primeira vez on-line.

Devido à crise sanitária, provocada pela Covid-19, o Sindusfarma mudou o formato do evento, respeitando todos os protocolos de distanciamento e medidas protetivas recomendados pelas autoridades de saúde.

Porém, apesar de ser virtual, o Lupa de Ouro não perde o brilho. A organização do evento se empenhou para garantir uma grande festa aos participantes.

De acordo com os organizadores, devido à obrigatoriedade do distanciamento, um dos principais desafios do formato virtual foi a implementação de um sistema on-line de apresentação dos planos de marketing e de execução das empresas finalistas de cada categoria aos jurados, que assegurasse os mesmos níveis de interação e de qualidade na avaliação das campanhas, quando comparadas às de edições anteriores, realizadas presencialmente.

A segunda fase do prêmio, em que os finalistas de cada categoria apresentam os seus planos de marketing e execução para um júri formado por executivos e personalidades da indústria farmacêutica, foi realizada, pela primeira vez, em formato on-line, entre os dias 19 e 26 de outubro.

Apesar do distanciamento, que, sem dúvida, impede as descontraídas comemorações e a confraternização presenciais, o nível de engajamento das indústrias farmacêuticas à premiação foi bastante positivo. Segundo a organização do prêmio, mesmo com cenário adverso imposto pela pandemia, a edição deste ano recebeu 326 inscrições, igualando o recorde registrado no ano passado.

NOVAS CATEGORIAS

Em função das medidas de isolamento social exigidas para combate da pandemia, o Marketing Digital se tornou uma importante ferramenta de otimização e ressignificação da relação entre a indústria farmacêutica e os médicos, o que exigiu celeridade e criatividade dos laboratórios no desenvolvimento e implementação de novas tecnologias de marketing e relacionamento.

Diante desse novo normal, o prêmio Lupa de Ouro criou três novas categorias neste ano: Marketing digital foco em transformação de processos e cultura; Marketing digital foco em conteúdos e engajamento do médico; e Melhor Projeto – Acesso.

Com essa evolução, o 44º Lupa de Ouro conta com 25 categorias, sendo que, desse total, 16 reconhecem as melhores campanhas de produto, seis são dedicadas à premiação dos melhores projetos e três condecoram as melhores performances empresariais.

O alto nível de adesão das indústrias farmacêuticas à edição deste ano do Prêmio Lupa de Ouro elevou ainda mais a responsabilidade dos organizadores na realização de uma cerimônia on-line de premiação, que pretende estar à altura do reconhecimento do empenho, criatividade e dedicação das equipes e profissionais de marketing das Farmacêuticas durante o enfrentamento das adversidades impostas pela pandemia. [UF](#)

Neste ano, o Lupa de Ouro conta com três novas categorias: Marketing digital foco em transformação de processos e cultura; Marketing digital foco em conteúdos e engajamento do médico; e Melhor Projeto – Acesso.

Conheça os grandes finalistas da Lupa de Ouro

Voltar ao Sumário

Mkt Digital Foco em Conteúdos e Engajamento do Médico Grupo 01

Aspen

Novo momento digital da Aspen
Bruno Pedrozo

Sanofi Medley

Apptev - *Bruno Landriscina*

Sanofi Medley

REP Orquestrador - *Monica Casagrande e Carolina Cancela*

MKT Digital Foco em Conteúdos e Engajamento do Médico GRUPO 2

Abbvie

Campanha "É tempo de prevenir o VSR"
Letícia Tello e Camila Zanqueta

EMS

Médico Exponencial - *Munir Pedro*

Lundbeck

Adoção de conteúdo científico não promocional - *Nicholas Tiellet e Thalles Peixoto*

MKT Digital Foco em Transformação de Processos e Cultura

Bayer

Campanha de awareness Mirena
Flávia Passoni / Eduardo Fernandes

Bristol-Myers Squibb

Campanha #Greenlips - *Elaine Braga*

Pfizer

Fabi - Assistente virtual - *Viviane Arid, Elaine Menezes, Fernanda Solgate, Mayara Ala e Rafael Feitoza*

Prescrição Cardiovasculares, Vitaminas, Trato Alimentar e Metabolismo

Aché

Colidis
Fabio Chacon

Daiichi Sankyo

Lixiana
Emili Zanetelli

Eurofarma

Dexfer
Felipe Pelicer

Melhor Projeto de Acesso

Bayer

Excelência em Gestão em Contas Chaves
Titus Martone, Tuanny Schimdt, Mayara Fiuza, Ligia Louro e Mariana Naldi

Bayer

Garantia de tratamento para pacientes com Edema Macular Diabético
Mariana Carvalho Del Aguila

Takeda

Transformação da área de acesso
Cássio Moreira Regis

PROJETO - IM SFE

Merck

Forecasting
Anderson Santos

Merck

Projeto M-Smart Brasil
Anderson Santos

Merck

Sistema Integrado Digital
João Teófilo Laska e Vitor Dionísio

MIP

Abbott

Pediasure - *Lucas Magalhães Soares*

Daiichi Sankyo

Hirudoid - *Letícia Cristina Della Libera*

EMS

Bálsamo Benguê - *Luana Montagnini e Marcela Jorente*

Genomma Lab

Proctan - *Gabriela Nogueira e Cinthia Ribeiro*

Hypera Pharma

Doralgina - *Clarissa Pineli*

NON-RETAIL

Boehinger Ingelheim

Ofev - *Erika Casanova*

Bristol-Myers Squibb

Opdivo (Nivolumabe)
Valéria Ribeiro e Iara Silva

Pfizer

Torgena
Laurent Baes e Rafael Aznar

Outros Projetos de Mkt incluindo Trade Marketing

EMS

MRPA - *Marcella Pinho e Lucas Passos*

Sanofi

Lançamento inovador Dorflex Uno
Luciana Teramoto, Vitória Maranhão, Patricia Sarto e Eduardo Magalhães

Sanofi Medley

Pode contar - *Fernanda Elias*

Zodiac

Cluster de pacientes Viver Zodiac
Juliana Souza Leite

Todas as informações sobre os finalistas (nomes de pessoas e de empresas e campanhas) foram fornecidas integralmente pelo Sindusfarma.

Prescrição Dor e Sistema
Músculo-Esquelético

Aché

Foxis - *Jessica Ritur e Seimo Figueiredo*

Apsen

Extima - *Telma Guimarães e
Amanda Meneghetti*

Mantecorp Farmasa

Família Colflex - *Larissa Robi*

Prescrição Sistema Nervoso Central

Eurofarma

Don - *Anderson Tadeu Souza da Silva*

Eurofarma

Quet
Simone Gomes e Fábio Robert

Torrent

Lamitor CD
Natália Kihara e Nathalia Serra

Prescrição Demais Classes Terapêuticas

Aché

Allestra - *Simone Damasceno de Campos*

Mantecorp Farmasa

Lubrinat - *Raphaella Donato
e Renata Cussioli*

Supera RX

Pérola - *Kauê Mazzitelli
e Letícia Pazini*

**Voltar ao
Sumário**

Prescrição - Lançamento Dor e Sistema
Músculo- Esquelético

Aché

Protena - *Fernanda Boscolo Bergamini*

Eurofarma

Bicerto - *Simone Gomes*

Zodiac

Oxypynal - *Ana Carolina Paiva*

Prescrição - Lançamento Saúde
Masculina e Feminina

Apsen

Traturil - *Kelson e Laila*

Besins Healthcare

Ogestan Gold - *Guilherme Costa*

EMS

Impere - *Julliane Andrade*

Prescrição - Lançamento
Sistema Nervoso Central

Aché

Eтира - *Patricia Poiani*

Apsen

Insit - *Vladimir Pereira Alves*

Eurofarma

Pryisma - *Bruno Porcel*

Prescrição - Lançamento Demais
Classes Terapêuticas

Apsen

Inilok - *Laila Hudaib
e Raphael Ribeiro*

Hypera Pharma

Tamarine Fibras Kids
*Lucas Fernandes
e Giovanna Molinary*

Novo Nordisk

Ozempic - *Rafaela Andrade
do Prado*

Prescrição - Maduros Cardiovasculares

Biolab

Pressat - *Mônica I. Toscano
Zafani Casimiro*

Sandoz

Família Diovan
Rafael Andrade

Sanofi

Clexane - *Rafael Pianca*

Prescrição - Maduros Dor e Sistema
Músculo-Esquelético

Aché

Artrolive - *Rubens Henrique dos Santos*

Apsen

Miosan - *Alex Bartholomeu*

EMS

Risedross 150 mg - *Juliana Goline*

EMS

Toragesic - *Bárbara Costabile*

Prescrição - Maduros Sistema
Geniturinário e Dermatológicos

Aché

Flogo-Rosa - *Isabella Silva*

Apsen

Postec - *Ana Cânea e Laila Hudaib*

Biolab

Pantogar - *Amanda de Sá Acquaviva*

Prescrição - Maduros Sistema
Nervoso Central

Apsen

Família Donaren
Vladimir Pereira Alves

Eurofarma

Pondera - *Felipe Pelicer*

Torrent

Torval CR - *Natália Kihara
e Nathalia Serra*

Prescrição - Maduros Trato Alimentar e
Metabolismo

Aché

Digeplus NF - *Ana Paula Meilan e
Seimo Figueiredo*

EMS

Tropinal - *Juliana Caetano*

Marjan Farma

Magnen B6 - *Alessandra Myazaki*

Prescrição - Maduros Demais
Classes Terapêuticas

Aché

Alenia - *Rafael Magalhães*

Aché

Leucogen - *Ariane Borges*

Sanofi

Puran T4 - *Flávio Leal*

Todas as informações sobre os finalistas (nomes de pessoas e de empresas e campanhas) foram fornecidas integralmente pelo Sindusfarma.



Os três ingredientes essenciais de um treinamento em comunicação

Se a pessoa acreditar, conhecer os conceitos e estiver instrumentalizada, ela tem tudo para evoluir na competência comunicação.

Tente lembrar quantas vezes, ao longo da sua vida profissional, você ouviu alguém diagnosticar uma falha dizendo: foi um erro de comunicação! Pois é, isso é bem corriqueiro e não acontece à toa.

Um dos grandes desafios empresariais contemporâneos é a falta de competência comunicacional. Ela gera impactos relevantes no moral da equipe e, assim, pode impactar os resultados de maneira dramática.

ENTENDENDO A COMUNICAÇÃO

Se queremos desenvolver competência em comunicação precisamos entender o que significa se comunicar. De uma forma objetiva, "comunicação" é a ação de tornar comum!

Isso mesmo! Simples assim! Afinal, pense com a gente: quando você se comunica com alguém, o que deseja é que aquilo que está na sua mente aterrise na mente do seu interlocutor, passando a ser algo comum às duas partes. E também deseja que aquilo que está na mente dele passe para a sua, constituindo-se assim, mais uma vez, um território partilhado.

Parece fácil, mas a série de processos mentais requeridos no trajeto da mensagem complica tudo. Primeiro, precisamos transformar nossas ideias em palavras e em comunicação não verbal e transmiti-las por um meio que leva a mensagem até o outro.

Este, por sua vez, precisa interpretar as sentenças e os gestos à luz dos próprios paradigmas mentais, atribuindo significados que façam sentido dentro da sua realidade específica.

Nesse caminho, muitas coisas podem atrapalhar a transmissão — distrações externas, diálogos mentais internos e barulhos. Chamamos essas coisas de ruídos. O resultado é que nem sempre se atinge o objetivo, o de tornar comum uma ideia, e a consequência é a repetição cotidiana da expressão que apontamos na introdução deste artigo: "foi um erro de comunicação".

OS INGREDIENTES ESSENCIAIS

Um treinamento de comunicação precisa cumprir três grandes papéis para superar o desafio que estamos discutindo aqui:


Sensibilizar: significa mover os participantes para o entendimento de que, quando acreditamos que só a nossa forma de enxergar o mundo é verdadeira e que o nosso modo de processar informações é o único existente, estabelecemos a base para a ineficácia comunicacional.

Se queremos desenvolver competência em comunicação precisamos entender o que significa se comunicar. De uma forma objetiva, "comunicação" é a ação de tornar comum!

Por meio de vivências, dinâmicas e explicações simples sobre o funcionamento do cérebro humano, as pessoas acordam para o fato de que as certezas individuais são grandes armadilhas para o ato de tornar comum. E que a curiosidade genuína pela perspectiva do outro é o melhor caminho rumo à comunhão de ideias.

Transferir conhecimentos: aqui, a ideia é estabelecer as bases que criem condições para o participante do treinamento de comunicação possa adaptar as técnicas que vai receber aos diversos tipos de interação a que se expõe. Somente quando entende os princípios fundamentais e conceitos centrais que regem a boa comunicação, uma pessoa consegue extrair o máximo do aprendizado.

Instrumentalizar: por fim, é essencial estabelecer técnicas e disponibilizar ferramentas práticas que possam ser aplicadas imediatamente nos diálogos que o indivíduo participa em todos os níveis. De nada adianta estar sensibilizado e entender os conceitos, se não for dado à pessoa um conjunto de técnicas e ferramentas que permitam colocar em prática o que for aprendido.

Se a pessoa acreditar, conhecer os conceitos e estiver instrumentalizada, ela tem tudo para evoluir na competência em comunicação. A partir daí, o que faz a diferença é a vontade de ser cada vez melhor e a crença de que o desenvolvimento não é um evento, mas um processo. 

Yuri Trafane é Professor Universitário, Consultor em Marketing e Diretor Executivo da Ynner Marketing & Treinamentos.
E-mail: yuri@ynner.com.br

PANDEMIA OU SINDEMIA

O que estamos vivendo?

Desde o início da pandemia, o mundo tem enfrentado uma crise sem precedentes, que, sem dúvida, está impactando a saúde mental das pessoas, inclusive, dos médicos e profissionais da área de saúde.

O termo sindemia foi criado por Merrill Singer, antropólogo médico e professor da universidade de Connecticut para descrever duas, ou mais doenças, que têm ação sinérgica, causando, de tal forma, maiores danos do que duas doenças somadas.

Em tempos de Covid-19, o termo vem bem a calhar, afinal, as comunidades acadêmica, médica e científica já mencionaram que o novo coronavírus, juntamente com outras afeições, ou em si próprio, somado a um longo período de isolamento social, é um fator de risco importante para outros distúrbios e complicações, que devem ser encarados de forma global, requerendo tratamentos menos simples do que uma vacina.

O fato é que da mesma forma que a imposição da quarentena pela Covid-19 trouxe efeitos devastadores na vida das pessoas em todo o mundo, a retomada da rotina pode provocar o que muitos psicólogos chamam de "Síndrome da Cabana", ou seja, pode se tornar um problema ainda maior para ser administrado do que simplesmente liberar a população imune de volta ao seu cotidiano.

Vale lembrar que o termo é uma referência aos isolamentos que aconteciam no Hemisfério Norte, em que caçadores precisavam ficar por muito tempo isolados durante os rigorosos períodos de inverno, e, posteriormente, encontravam dificuldades para se adaptar e retornar ao convívio social.



Da mesma forma que a imposição da quarentena pela Covid-19 trouxe efeitos devastadores na vida das pessoas, a retomada da rotina pode provocar o que muitos psicólogos chamam de "Síndrome da Cabana" e tornar-se um problema ainda maior para ser administrado.

Apesar de não ser propriamente uma doença, a Síndrome da Cabana é uma condição psíquica que leva parte da população a desenvolver ansiedades e medos. Nesse quadro, as pessoas, depois de muito tempo isoladas em suas casas, sentem-se mais seguras, principalmente em relação ao contágio do vírus.

Mas quando precisam sair de sua zona de conforto e se adaptar a um novo cenário, ainda repleto de incertezas, muitos indivíduos apresentam sentimentos como angústia, desconfiança, tristeza, medo paralisante, entre outros, o que é uma resposta totalmente normal frente a uma adversidade, afinal, não estávamos acostumados ao isolamento.

Além disso, a convivência forçada no seio familiar também impôs desafios, já que com a restrição à circulação, pais, filhos e cônjuges tiveram de aprender a se relacionar dentro de um novo modelo, que impede, pelo menos por um período, atividades presenciais externas, como trabalho, aulas e eventos sociais.

O fato é que desde o início da pandemia, o mundo tem enfrentado uma crise sem precedentes, que, sem dúvida, está impactando a saúde mental das pessoas, inclusive, dos médicos e profissionais da área de saúde, responsáveis pelos aten-

dimentos nos hospitais e unidades de saúde, que também vêm desenvolvendo diversos distúrbios psicológicos.

Trata-se de quadros que merecem uma visão terapêutica mais ampla na tentativa de minimizar os impactos da crise sanitária na vida das pessoas e dos profissionais de saúde e garantir que a retomada para o "novo normal" seja a mais tranquila possível.

PROFISSIONAIS RENOMADOS


Diante da importância desse assunto, o tema desta edição aborda a saúde mental nesses tempos de pandemia. Para esse trabalho editorial, entrevistamos importantes expoentes das áreas de psiquiatria e psicologia, que analisaram esse cenário e nos ajudaram a entender melhor essa conturbada e inóspita rotina que passamos a viver neste ano.

Para saber como essa retomada ao trabalho está acontecendo nas Farmacêuticas, também convidamos executivos da indústria farmacêutica para descreverem as ações adotadas para enfrentamento da Covid-19 em suas organizações e quais as estratégias estão sendo desenvolvidas na pós-pandemia, a fim de garantir a saúde integral de seus colaboradores.

Queremos deixar um agradecimento especial a nossa colunista Isabel Fomm de Vasconcellos, que, com sua ampla experiência em comunicação e na área médica, foi responsável pelos contatos e apuração das informações junto aos médicos psiquiatras Dr. Kalil Duailibi, Dr. Joel Rennó Jr. e Dra. June Melles Megre.

NOSSO MUITO OBRIGADO PELA PARCERIA!

Entrevistamos ainda a psicóloga Dra. Célia Regina da Silva Rocha e o Dr. Rafael Trevizoli Neves, Psicólogo e Diretor Executivo do Departamento de Psicologia da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo (Socesp), que engrandecem ainda mais esse importante trabalho editorial.

Mais do que levar informações chanceladas por renomados profissionais, nosso objetivo é também prestar um serviço para que todos os nossos públicos (executivos da indústria farmacêutica e de empresas afins e a classe médica) possam ter subsídios consistentes para entender melhor esse momento e retomar as atividades sem maiores impactos, preservando a sua saúde física e mental e também as de seus colaboradores e pacientes. 

Confira a seguir as entrevistas exclusivas.



Opinion

VIABILIZANDO A TROCA DE CONHECIMENT



► **Faça o seu cadastro como formador de opinião**

Receba convites para participar de reuniões online com grupos fechados



Small Group

Makers online

CONTATOS CIENTÍFICOS E EXPERIÊNCIAS ENTRE PROFISSIONAIS

- ▶ **Faça o cadastro do seu serviço**
- ▶ **Convide formadores de opinião para suas reuniões**
- ▶ **Aguarde um patrocínio.**

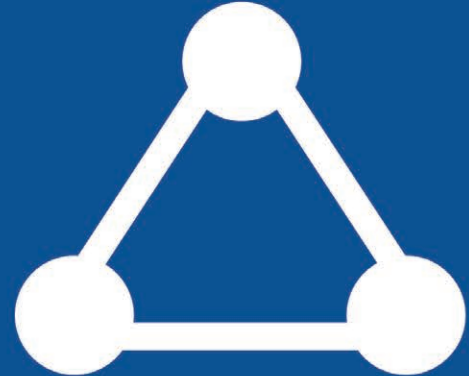


Ligue para:
0800 771 5643



Cadastro na plataforma:
www.opinionmakers.com

 **atitude**
www.atitude.com.br



Opinion Makers online

VIABILIZANDO A TROCA DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS E EXPERIÊNCIAS ENTRE PROFISSIONAIS

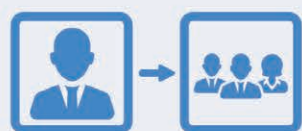


- ▶ **Faça o cadastro do seu serviço**
- ▶ **Convide formadores de opinião para suas reuniões**
- ▶ **Aguarde um patrocínio.**



- ▶ **Faça o seu cadastro como formador de opinião**

Receba convites para participar de reuniões online com grupos fechados



Small Group



Ligue para:
0800 771 5643



Cadastro na plataforma:
www.opinionmakers.com





A pandemia e a saúde do coração

A Covid-19 também tem mexido com o emocional dos médicos e profissionais da saúde, que, muito sobrecarregados com os atendimentos e atuando sob pressão, têm relatado problemas de ordem psicológica, como ansiedade e síndrome de burnout.



Dr. Rafael Trevizoli Neves -
Socesp

A pandemia e a restrição ao convívio social têm sido uma das principais causas do aumento do número de transtornos psicológicos na população, como estresse, ansiedade e depressão.

Uma pesquisa realizada, em maio último, pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) com cerca de 400 médicos de 23 estados e do Distrito Federal, número que corresponde a 8% do total de psiquiatras do País, mostrou que 89,2% dos especialistas que responderam ao levantamento destacaram o agravamento de quadros psiquiátricos em seus pacientes devido à pandemia.

A Covid-19 também tem mexido com o emocional dos médicos e profissionais da saúde, que, muito sobrecarregados com os atendimentos e atuando sob pressão, têm relatado problemas de ordem psicológica, como ansiedade e síndrome de burnout.

O fato é que esses distúrbios podem afetar também de forma significativa a saúde do coração, desencadeando diversas complicações, tanto em médicos quanto na população em geral.

Nesta entrevista, Dr. Rafael Trevizoli Neves, Psicólogo pela Universidade de São Paulo, Especialista em Psicologia Hospitalar pelo HC-FMUSP e Diretor Executivo do Departamento de Psicologia da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo (Socesp), aborda com mais detalhes os impactos da pandemia sobre nossa saúde mental e cardíaca.

UPpharma – Como o estresse provocado pelo isolamento social tem influenciado à saúde do coração das pessoas em geral?

Dr. Rafael – De modo geral, o estresse suscitado pela pandemia e suas medidas de enfrentamento, como o distanciamento social, mudanças significativas no cotidiano por conta dos fechamentos de escolas e espaços públicos, transferência da rotina do trabalho para casa, pode aumentar a vulnerabilidade a eventos cardiovasculares por conta das alterações na pressão arterial e frequência do batimento cardíaco, principalmente em

indivíduos que já tenham algum problema cardíaco.

Em longo prazo, com a fase atual da pandemia, o estresse crônico aumenta também os riscos de desenvolvimento de doenças no coração, principalmente por conta dos efeitos da exposição frequente dos hormônios do estresse na veias e artérias.

Pela sua experiência, como a família pode ajudar os pacientes que têm doenças cardíacas e estão em isolamento, de modo que não haja tanto impacto psicológico e piora do quadro?

Como se sabe, pacientes portadores de doenças cardiovasculares são considerados grupos de risco, ou seja, indivíduos que estão sujeito a desenvolverem formas mais graves da Covid-19. Nesse sentido, garantir que as necessidades dessas pessoas sejam atendidas sem expô-las a riscos desnecessários é uma tarefa fundamental, como suporte para as tarefas do dia a dia (compras em supermercado e pagamento de contas, por exemplo).

Outro cuidado importante é com relação ao preconceito e estigmatização desses doentes: distância física não significa distância afetiva. Manter o contato, seja respeitando a restrição ao contato recomendada pelas autoridades de saúde, ou seja utilizando-se de recursos tecnológicos, é imprescindível para redução do impacto psicológico das alterações do cotidiano decorrentes da pandemia.

Pandemia ou Sindemia?

O psicológico na pós-pandemia

Voltar ao Sumário

Distância física não significa distância afetiva. É importante manter o contato, seja respeitando a restrição ao contato recomendada pelas autoridades de saúde, ou seja utilizando-se de recursos tecnológicos.

Por fim, os familiares podem ajudar o doente garantindo a continuidade do seu tratamento de saúde, ajudando na manutenção das medicações de uso contínuo, evitando descompensações e pioras da doença cardíaca.

Quais os quadros mais prevalentes quando se fala em transtornos mentais durante a pandemia, pensando em pacientes com problemas cardíacos?

Os pacientes com doenças cardiovasculares já têm riscos aumentados de desenvolvimento de quadros depressivos e ansiosos (Transtorno de Ansiedade e Transtorno de Pânico), o que pode ser intensificado pela pandemia. Além disso, os quadros de estresse (Transtorno de Estresse Agudo, Transtorno de Ajustamento, Transtorno de Estresse Pós-Traumático e Síndrome de Burnout) também merecem atenção.

Quais são os principais sinais de que uma pessoa está com a saúde mental impactada e necessita de cuidados especiais?

Os principais sinais são as alterações comportamentais e o aumento dos conflitos interpessoais. Alterações no padrão de sono (insônia ou hipersonia), de apetite (diminuição significativa ou aumento exagerado), aumento no padrão de uso de substâncias psicoativas (medicações psicotrópicas, álcool e tabaco), irritabilidade aumentada, agitação excessiva ou letargia/apatia são alertas de que algo não vai bem. Além disso, aumento de sintomas somáticos (falta de ar, dor de cabeça e dores musculares) também podem indicar sofrimento emocional.

Os profissionais de saúde também têm sua saúde mental impactada nesta pandemia. Como eles podem lidar com esse quadro de estresse e depressão sem prejuízo ao atendimento do paciente?


O primeiro desafio é conscientizar-se do problema. Os profissionais da saúde, principalmente os médicos, tendem a adotar uma postura "salvacionista", com pouca atenção para si próprios e suas necessidades. Sabem como ajudar os outros, mas se esquecem de que eles mesmos também são seres humanos. Reconhecer que estão também sendo afetados pelas mudanças decorrentes da pandemia, em seus mais diversos níveis (individual, familiar, social e profissional) e estarem atentos às mudanças no padrão de alimentação e sono, irritabilidade excessiva, aumento de sintomas somáticos (dor de cabeça, problemas gastrointestinais, dores no corpo e fadiga crônica) são os primeiros passos para lidar com as consequências da pandemia para saúde mental.

O que é necessário para manter a saúde mental dos médicos que estão na linha de frente no combate ao coronavírus?

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde mental é um estado de bem-estar no qual o indivíduo exprime as suas capacidades, enfrenta os estressores normais da vida, trabalha produtivamente e de modo frutífero, e contribui para a sua comunidade. Sua manutenção, portanto, envolve o desenvolvimento de práticas de autocuidado (equilibrar vida profissional e pessoal, reconhecer e respeitar os próprios limites, praticar exercícios físicos regularmente, manter uma alimenta-

ção saudável, ter atividades de lazer e que agregam prazer ao cotidiano), mas também de um ambiente promotor de saúde mental (estrutura laboral, rotina de trabalho que inclua pausas, relações de trabalho saudáveis e ambiente seguro de trabalho).

Como o departamento de Psicologia da Socesp tem atuado para ajudar associados e também a população neste momento?

O Departamento de Psicologia tem contribuído ativamente com a produção de conteúdo (textos, vídeos e áudios) tanto para o público leigo quanto para os profissionais da área da saúde, disponíveis no site, mídias sociais e podcast da Socesp, orientando sobre o impacto da Covid-19 na saúde mental e disseminando estratégias de autocuidado, que podem colaborar com a minimização dos efeitos da pandemia. Participamos ainda do Congresso Virtual e o Congresso Casos Clínicos nos quais apresentamos eixos para prestação de cuidados psicológicos ao paciente cardiopata no cenário atual. A próxima edição da Revista da Socesp contará com um artigo sobre os impactos psicossociais da pandemia. 

Os médicos também ficam doentes



Dr. Kalil Duailibi

Os médicos são, realmente, os grandes heróis dessa pandemia. Na linha de frente do combate ao novo coronavírus, esses profissionais precisam encarar, na maior parte das vezes, rotinas desgastantes, remuneração nem sempre condizente, falta de estrutura para assistência, privação de vida familiar e uma série de outros desafios. Tudo isso para cuidar do bem mais precioso das pessoas: a saúde.

O fato é que esses profissionais resilientes e dedicados estão mais muito suscetíveis não só ao contágio do vírus, mas também a apresentarem quadros de es-

trese, ansiedade e esgotamento físico, que é chamada síndrome de burnout.

Segundo dados de uma pesquisa on-line, realizada pelo Medscape, com 1.838 médicos de 38 especialidades, cerca de 37% dos profissionais de saúde relataram sofrer de burnout. Desse percentual, 11% também revelaram ter depressão. Entre os sinais mais prevalentes da síndrome de burnout constam fadiga, cansaço físico extremo, estresse, insônia, dificuldades de concentração e sentimento de incompetência.

Além do esgotamento, o suicídio tem aumentado também entre a classe médica. Para se ter ideia, nos Estados Unidos, pesquisas mostram cerca de 400 mortes de médicos por ano são decorrentes do desse ato.

Na verdade, os médicos dos Estados Unidos têm a mais alta taxa de suicídio entre todas as profissões. Uma revisão da literatura sobre esse comportamento entre médicos apontou que a taxa de suicídio neste público é mais do que o dobro da encontrada para a população geral.

Com a pandemia, que trouxe mais sobrecarga de trabalho não só para a classe médica, mas para todas as equipes da área de saúde de hospitais e unidades de emergência, é preciso ter um olhar mais cuidadoso para com esses profissionais. Os efeitos da síndrome de burnout e da depressão na rotina de trabalho dos profissionais de saúde são preocupantes,

uma vez que eles são responsáveis pela tomada de decisão clínica em diagnósticos e eventos mais complexos, como cirurgias, por exemplo.

Um dos maiores expoentes da psiquiatria no Brasil, Dr. Kalil Duailibi, médico psiquiatra e professor na UNISA, aceitou nosso convite e abordou esse tema com grande propriedade, trazendo informações relevantes e reforçando que esses profissionais não devem se descuidar da sua saúde, a fim de continuarem salvando vidas e contribuindo para levar assistência à população.

UPpharma – Sabe-se que muitos profissionais da área da saúde estão sobrecarregados e vêm desenvolvendo transtornos mentais, como síndrome de burnout, depressão e estresse. Como esses profissionais podem lidar com esse quadro sem prejuízo ao atendimento do paciente?

Dr. Kalil – O quadro de burnout é quase que uma marca registrada dos profissionais de medicina. E essa realidade não é comum somente no Brasil, mas também em países em que a carreira de médico é mais valorizada e melhor remunerada. Vários estudos da Inglaterra, Canadá e EUA apontam se tratar de uma profissão bastante estressante em qualquer país do mundo.

O fato é que o contato com o sofrimento, aliado às condições não adequadas de trabalho, uma rotina desgastante de horários e muitos outros fatores, acabam impactando substancialmente esses pro-

Lundbeck



Totalmente focada
no tratamento
de transtornos
psiquiátricos e
neurológicos



Na **Lundbeck**, somos
incansavelmente
dedicados a restaurar
a saúde do cérebro,
para que **cada pessoa**
possa ser o seu melhor



PROGRESS | **Brazil**
IN MIND | Psychiatry & Neurology
Resource Center

Acesse: brazil.progress.im

Conheça nosso portal científico e mantenha-se por dentro das principais novidades em psiquiatria e neurologia. Acesso exclusivo a profissionais de saúde aptos a prescrever ou dispensar medicamentos.

Pandemia ou Sindemia?

O psicológico na pós-pandemia

Voltar ao Sumário

fissionais, que demonstram grande propensão para desenvolver o estresse crônico, que é muito pior.

A síndrome de burnout, que tem como um de seus sinais mais comuns, o esgotamento físico e mental, se não for tratada pode levar a outros problemas crônicos, como doenças do coração, crises de pânico e depressão e até suicídio.

Nos últimos anos, editoriais de diversas publicações, inclusive da Lancet, trazem artigos e conteúdo mostrando esse estresse na profissão de médico de forma muito mais aumentada.

Dentro desse contexto, o que temos percebido também é um crescimento do suicídio entre a classe médica. Para se ter ideia, constata-se que o número de suicídio entre os médicos é o dobro da população em geral, considerando pessoas da mesma faixa etária e com o mesmo nível de formação acadêmica.

Nos Estados Unidos, por exemplo, são registradas cerca de 400 mortes de médicos por ano decorrentes desse ato.

Um levantamento do Cremesp – Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo apontou que o suicídio é a primeira causa de morte entre médicos de 25 a 45 anos.

Na pandemia, esses profissionais ficaram ainda mais expostos a fatores estressantes. E não só os médicos, mas também todas as equipes de saúde que estão na linha de frente no combate ao novo coronavírus. Todo esse público está sujeito a desenvolver a síndrome de burnout.

Outros estudos globais também mostram que além do estresse, que causa a depressão, muito profissionais da classe médica têm aumentado o consumo de álcool.

É uma situação preocupante, especialmente considerando que a pandemia tem se prolongado e as perspectivas não são muito animadoras para a área da saúde.

O que é necessário para manter a saúde mental dos médicos que estão na linha de frente no combate ao coronavírus?

Com a Covid-19, muitos pacientes, inclusive crônicos, como os cardiopatas e diabéticos, deixaram de ir às consultas, por receio do contágio da doença. Com isso, muitos deles tiveram piora de seu estado de saúde e buscaram as emergências de vários hospitais com problemas sérios,

Por mais que os médicos tenham uma carga de trabalho extenuante, eles precisam encontrar algum momento de seu dia para aliviar as tensões.

como infarto, descompensações cardíacas e outros, por que decidiram não se cuidar nesse período.


Com os médicos, a situação é semelhante. Devido ao aumento da carga de trabalho, muitos colegas deixaram também de zelar pelo seu bem-estar físico e mental, abandonando atividades que aliviam as tensões e o estresse.

Hoje, muitos hospitais em São Paulo e também nos grandes centros já demonstram essa preocupação com a saúde física

e mental de seu corpo clínico, afinal, uma saúde comprometida dos médicos pode também prejudicar o atendimento ao paciente.

Muitas dessas instituições desenvolveram iniciativas para ajudar o médico a quebrar sua rotina pelos menos uma vez ao dia, como academias, criação de espaço para realização de atividades lúdicas ligadas à música, por exemplo, ou para relaxamento e meditação.

Por mais que os médicos tenham uma carga de trabalho extenuante, eles precisam encontrar algum momento de seu dia para aliviar as tensões. É como um remédio que ele tem de tomar. Eles podem, por exemplo, aprender a tocar um instrumento musical, um novo idioma, meditar ou se dedicar a atividades que exercitem o raciocínio são fundamentais para a classe médica, podendo ajudar esses profissionais a darem uma pausa nessa rotina estressante e prevenirem o estresse.

O médico está sempre orientando seus pacientes na maneira como eles devem agir, se alimentar, se exercitar, mas não usa essa receita para si. É fundamental que os médicos cuidem de si, especialmente neste momento em que vivemos uma situação adversa, a fim de estarem sempre aptos e saudáveis para continuar realizando seu trabalho e cuidando também do próximo. 

A contribuição da ABP para manter a saúde mental da população e dos médicos

A Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) é uma das sociedades médicas que vem atuando fortemente para orientar corretamente a população em geral e os associados em relação às condutas necessárias para prevenção e combate ao novo coronavírus.

Desde o início da pandemia, a entidade tem desenvolvido uma série de iniciativas com o objetivo de disseminar informações atualizadas voltadas aos cuidados com a saúde física e mental para as pessoas e médicos.

Na lista dessas iniciativas está a elaboração da cartilha "Saúde mental e Covid-19", lançada em maio, numa parceria com o Núcleo de Investigações sobre a Impulsividade e Atenção - Nitida, da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, e com o Ministério da Saúde.

O objetivo é esclarecer a sociedade sobre os riscos que o distanciamento social e a pandemia podem trazer à saúde mental. Também visa auxiliar na elaboração de estratégias para lidar com os desafios trazidos pelo momento atual.

O fato é que estudos apontam que a pandemia exerce impacto sobre a saúde mental das pessoas. Daí a importância de se implementar estratégias que possam reduzir os prováveis efeitos negativos deste cenário.

De acordo com pesquisas apresentadas na cartilha, nos últimos meses, houve um aumento nos relatos de sensação de medo, solidão, tédio e raiva entre as pessoas submetidas ao isolamento e ao período de quarentena, além de um aumento da ansiedade e da culpa pelos efeitos do contágio.

Segundo a ABP, o trauma psíquico e a doença mental serão consequências diretas da Covid-19, o que tem sido chamado de a quarta onda. Conforme a entidade, tais consequências serão maiores e também durarão mais tempo.

Em recente entrevista veiculada em um grande Jornal, o Presidente da ABP, Dr. Antônio Geraldo da Silva, explicou como funciona essa quarta onda.

Conforme a declaração do porta-voz, quando um quadro psiquiátrico é desencadeado, como o que tem acontecido com várias pessoas durante o período de isolamento, devido ao aumento da ansiedade, medo, estresse etc., o tratamento e a cura não são tão rápidos, ou seja, podem durar anos.

ATENDIMENTOS PSIQUIÁTRICOS AUMENTAM

Outra pesquisa realizada pela ABP, em maio, mostrou que os atendimentos psiquiátricos durante a pandemia também tiveram alta. No levantamento foram ouvidos médicos psiquiatras de 23 estados e do Distrito Federal.

Para 47,9% dos entrevistados houve aumento de consultas após o início da pandemia. Neste grupo, os atendimentos cresceram até 25% quando comparados ao período anterior para cerca de um terço dos entrevistados (59,4%).


A pesquisa também teve como objetivo identificar os atendimentos a pacientes novos, que apresentaram recaída após o tratamento já finalizado ou o agravamento de quadros psiquiátricos em pacientes que ainda estão em tratamento. Mais de sessenta e sete por cento (67,8%) res-



ponderam que sim, receberam pacientes novos após o início da pandemia, pessoas que nunca haviam apresentado sintomas psiquiátricos antes.

NO MEIO VIRTUAL

Atualmente, a ABP mantém diversos canais de comunicação com a população e os médicos. Um deles é a ABPTV, que semanalmente tem trazido programas que abordam temas relacionados à saúde mental e à Covid-19, contribuindo para informar, inclusive, os médicos. Tais profissionais, além de estarem mais expostos ao vírus, também têm sua saúde mental impactada pela quarentena e isolamento social. Os programas vão ao ar todas as terças-feiras, às 20h30, com transmissão ao vivo pela internet.

Ainda pensando nos médicos, a convite da Secretaria de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde - SGTES do Ministério da Saúde - MS, a ABP também vem participando de vídeoaulas voltadas à classe médica e a profissionais de saúde que estão na linha de frente do atendimento à Covid-19. 

A saúde mental da mulher

A insegurança que a crise traz para nossas vidas, diante da impossibilidade de controlarmos e planejarmos o futuro, impacta a nossa saúde mental.



Dr. Joel Rennó Jr.

Não resta dúvida que a pandemia mudou drasticamente a rotina das pessoas em todo o mundo. No entanto, mais do que transformar os modelos de trabalho, de convivência familiar e social, de educação, entre outros, o novo coronavírus deixará sequelas que demorarão muito tempo para serem absorvidas pela sociedade.

O fato é que a Covid-19 tem provocado um grande estrago na saúde mental das pessoas, afinal, de uma hora para outra, tivemos nosso direito de ir e vir cerceado, e ninguém, nunca antes, havia passado por algo parecido.

Trata-se de uma situação única que vem gerando medo, incertezas, insegurança, estresse e ansiedade, reações até então

consideradas normais quando se enfrenta cenários adversos. Porém, o prolongamento da crise sanitária tem impactado substancialmente o psicológico das pessoas, potencializando os transtornos psicológicos e favorecendo o aparecimento de fobias e traumas.

Neste contexto, as mulheres têm sido grandes vítimas. O fato é que pela própria natureza biológica, o sexo feminino apresenta um risco aumentado, quando em comparação aos homens, de desenvolver sintomas de ansiedade ou depressão.

Com a pandemia, alguns fatores estressores intensificaram esses riscos. A sobrecarga com as atividades domésticas, acrescidas pelo trabalho em home office, os cuidados com os filhos, a restrição de circulação e diversas outras responsabilidades, fazem com que a mulher tenha uma rotina estressante.

Sem falar da violência doméstica, que também aumentou nesse período de pandemia. Logo no início do isolamento social, anunciado por diversos países, a própria ONU alertou mundialmente autoridades políticas, sanitárias e organizações sociais de que as mulheres poderiam ser muito impactadas pela pandemia, tanto por meio da sobrecarga de trabalho quanto pela elevação dos índices de violência doméstica.

Segundo levantamento recente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), entre os meses de março e abril, houve aumento de 22% nos casos de feminicídio no Brasil. Ou seja, uma situação preocupante que precisa receber mais atenção dos governos e da sociedade.

Nesta entrevista exclusiva à UPpharma, Dr. Joel Rennó Jr, PhD em Ciências pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Diretor do Programa Saúde Mental da Mulher do Instituto & Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, Coordenador da Comissão de Saúde Mental da Mulher da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e Professor do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, comenta sobre os transtornos mentais mais prevalentes neste período de isolamento social e como essa pandemia tem afetado a saúde mental das mulheres.

UPpharma – Quais os quadros mais prevalentes quando se fala em transtornos mentais durante a pandemia?

Dr. Joel – O que temos percebido nestes meses de distanciamento social é um aumento dos transtornos de ansiedade generalizada, de pânico e fobias, além do transtorno obsessivo compulsivo, que também tem sido mais identificado neste período.

A insegurança que a crise traz para nossas vidas, diante da impossibilidade de controlarmos e planejarmos o futuro, impacta a nossa saúde mental. Essa percepção, somada a situações de desesperança e à falta de perspectiva, acaba causando ansiedade e pânico.

Nesse cenário, temos de mencionar também a depressão. O Brasil já é um país que apresenta grande prevalência dessa doença. Na pandemia, situações como desemprego, dificuldades econômicas, crises familiares, distanciamento, entre

Pandemia ou Sindemia?

O psicológico na pós-pandemia



outras, são gatilhos para levar uma pessoa à depressão.

É importante também relacionar nesta análise o transtorno de estresse pós-traumático devido às perdas de entes queridos ou outras situações que são vivenciadas, muitas vezes, ao extremo, causando sérios danos à saúde mental.

Muitas pessoas nessas condições acabam buscando compensações e desenvolvendo hábitos não saudáveis, como consumo excessivo de álcool, drogas e até mesmo de medicações, como os populares calmantes, que podem causar dependência e provocar diversos outros efeitos colaterais, se não forem administrados por um médico.

As mulheres são mais suscetíveis a desenvolver esses quadros? Por quê?

As mulheres, de uma forma geral, apresentam mais riscos para o desenvolvimento de transtornos, não somente durante a pandemia, mas em outros períodos de sua vida, em comparação aos homens.

Na verdade, existe uma série de gatilhos estressores que impactam o gênero feminino. Especificamente durante a pandemia, muitas delas tiveram uma sobrecarga emocional. O que se vê são inúmeras mulheres sustentando as famílias, enfrentando uma jornada infinitamente mais estafante do que a dos homens, que envolve afazeres domésticos, cuidados com os filhos, inclusive, acompanhando remotamente as atividades escolares, pressão no trabalho em home office e, o que é mais preocupante, violência doméstica, cujos agressores, na maior parte das vezes, são seus próprios companheiros.

As mulheres, de uma forma geral, apresentam mais riscos para o desenvolvimento de transtornos, não somente durante a pandemia, mas em outros períodos de sua vida

Somadas a isso, há ainda as oscilações hormonais em períodos críticos do ciclo reprodutivo, o que as tornam ainda mais vulneráveis, com maior probabilidade de terem um agravamento dos quadros de transtornos mentais.

Quais são os principais sinais e os mais facilmente notados pelos familiares de que uma pessoa está com a saúde mental impactada e necessita de cuidados especiais?

O mais importante é que os familiares e pessoas próximas fiquem atentos às mudanças de comportamentos de seus parentes e entes queridos, especialmente àqueles que já demonstram uma predisposição para esse tipo de distúrbio. Tristeza, choro constante, pensamentos extremamente negativos em relação ao futuro, medo de falência financeira, apatia ou tendência a se isolar totalmente são sinais que precisam ser observados de forma mais próxima pelos familiares.

É recomendável também tentar perceber o grau de depressão dessa pessoa, até porque outra preocupação tem sido com os fatores de riscos para o suicídio, que podem ser intensificados na pandemia.

Em geral, indivíduos acometidos por transtornos mentais, como a depressão, começam a apresentar também sintomas

como fadiga, cansaço constante, baixo rendimento no trabalho, dores musculares generalizadas, dores de cabeça, perda do interesse por atividades mais prazerosas que eram habituais, insônia ou sono excessivo, inapetência ou apetite aumentado, entre outros, que, num primeiro momento, podem ser considerados reflexos da crise, mas precisam ser monitorados, e, às vezes, tratados, para não levarem à pessoa a uma sobrecarga emocional.

Há também outros sinais que a pessoa que está com a saúde mental impactada tende a demonstrar. Há indivíduos que apresentam falta de ar, tontura, estranheza em relação a si mesmo e ao ambiente, taquicardia, palpitação, sudoreses, tremores, formigamentos e uma série de outras reações que podem estar inegavelmente ligadas a transtornos mentais.

O fato é que uma disfuncionalidade pode ocorrer de formas diferentes e em diversos níveis na vida desses pacientes, seja nas relações com os familiares, no trabalho, no campo financeiro etc., provocando grande sofrimento psíquico e mudanças nas esferas comportamental e cognitiva.

Por isso, é importante a família estar sempre atenta a todos esses sinais, que, muitas vezes, longe de ser algo passageiro, tende a afetar drasticamente a saúde mental das pessoas.



Há muitas causas pelas quais as pessoas com doenças mentais não estão em tratamento. Mas, sem dúvida, o preconceito é uma das mais importantes.

praticamente+ 

ENCONTRE UM MÉDICO

Conheça as especialidades e busque o médico mais próximo de você.

Informação contra o preconceito. Saúde mental. Fale Abertamente.

Enquanto você lê este anúncio, alguém bem próximo pode estar sofrendo com algum transtorno mental, como a depressão ou a ansiedade. Muitas dessas pessoas não fazem tratamento apenas pelo preconceito. Desta forma, é muito importante falar sobre o tema. A plataforma **Fale Abertamente** existe para levar informação sobre Saúde Mental, ajudando a reconhecer sintomas e orientando a busca por ajuda profissional. Informe-se e transmita o conhecimento. Isso pode salvar vidas.

 Aponte a câmera do seu celular para esta imagem e saiba mais.



<http://faleabertamente.com.br>

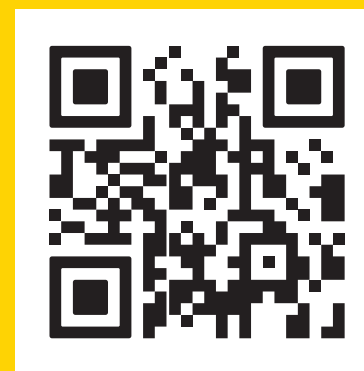
abertamente 
o conhecimento transforma o preconceito



Informação contra o preconceito. Saúde mental. Fale Abertamente.

Enquanto você lê este anúncio, alguém bem próximo pode estar sofrendo com algum transtorno mental, como a depressão ou a ansiedade. Muitas dessas pessoas não fazem tratamento apenas pelo preconceito. Desta forma, é muito importante falar sobre o tema. A plataforma **Fale Abertamente** existe para levar informação sobre Saúde Mental, ajudando a reconhecer sintomas e orientando a busca por ajuda profissional. Informe-se e transmita o conhecimento. Isso pode salvar vidas.

Aponte a câmera do seu celular para esta imagem e saiba mais.



<http://faleabertamente.com.br>

abertamente 
o conhecimento transforma o preconceito



Idosos e jovens

Grandes vítimas da depressão

É fundamental que o idoso tenha uma rotina diária supervisionada e regrada, estabelecendo-se horários para acordar e dormir, se alimentar e se exercitar – o que é muito importante para o bem-estar desse indivíduo.



Dra. June Melles Megre

Da mesma forma que fazem parte do grupo de risco para o contágio da Covid-19, os idosos estão entre as pessoas que mais têm sofrido com depressão e transtornos mentais nessa pandemia.

O distanciamento da família, o sedentarismo, a impossibilidade de se dedicar a atividades corriqueiras e prazerosas, como fazer caminhadas, visitar amigos e ir ao mercado, a restrição à circulação etc., são apenas alguns gatilhos que contribuem para que as pessoas nesta faixa etária desenvolvam quadros depressivos. O fato é que a depressão é uma das doenças mentais que mais atinge os idosos. De acordo com números do IBGE do ano passado, indivíduos com idades entre 60 e 64 anos representam a faixa etária com maior proporção (11,1%), entre os 11,2 milhões de brasileiros diagnosticados com a doença, índice que vem aumentando com o passar dos anos.

A presença e apoio da família são fundamentais nesse momento. Mesmo em tempos de pandemia, é preciso cuidar desses indivíduos, criando rotinas saudáveis, ficando atento aos sintomas e buscando ajuda especializada, cujo tratamento pode envolver interação medicamentosa e psicoterapia.

Para dar mais detalhes sobre esse assunto, a UPpharma ouviu a Dra. June Melles Megre, Médica especialista em Psiquiatria e Psicoterapia, Chefe da Equipe Psiquiátrica de Interconsultas

no Hospital Samaritano, Membro da Diretoria do Comitê de Psiquiatria Forense da Associação Paulista de Medicina e Membro da Diretoria da Associação de Psiquiatria Biológica do Brasil, que abordou também a vulnerabilidade dos jovens, um grupo que tem desenvolvido igualmente diversos transtornos mentais durante a pandemia.

UPpharma – Fala-se sobre um aumento da depressão, principalmente, em idosos, em decorrência da pandemia e do isolamento social. Como a senhora vê essa questão e de que forma os psiquiatras podem ajudar para prevenção da depressão junto à população?

Dra. June – O número de quadros depressivos ou ansiosos realmente aumentou muito na pandemia. Um trabalho realizado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro mostrou que esses episódios praticamente dobraram entre março e abril deste ano.

Os idosos, que já formam uma população mais vulnerável, foram bastante impactados com o isolamento social. Vários fatores contribuíram para isso. A própria falta de preparo da sociedade de não valorizar os cuidados com os idosos e a falta de preparo dos serviços de saúde para atendimento da terceira idade, sem dúvida, colaboraram para esse número maior de eventos psíquicos nesta faixa etária.

Como é possível reconhecer a depressão nos idosos?

Pandemia ou Sindemia?

O psicológico na pós-pandemia

Voltar ao Sumário

A depressão é uma das doenças mentais que mais atinge os idosos. De acordo com números do IBGE do ano passado, indivíduos com idades entre 60 e 64 anos representam a faixa etária com maior proporção (11,1%), entre os 11,2 milhões de brasileiros diagnosticados com a doença.

É essencial ficar atento a esse tipo de problema. Não só a família, mas também os médicos que atendem a essa população. Por incrível que pareça, ainda hoje existem colegas de trabalho que negligenciam queixas de idosos, acreditando que quadros depressivos são comuns e inerentes à terceira idade. Em geral, esses transtornos nessa faixa etária se apresentam com alterações de sono, perda de prazer em atividades diárias, ausência de ressonância afetiva, ruminações sobre o passado, tendência a isolamento e diversas outras reações que podem ser confundidas com comportamentos do envelhecimento, mas que os familiares devem manter atenção.

Assim que perceber algum desses sintomas, a família deve procurar um atendimento especializado.

Para prevenção desses eventos, é fundamental que o idoso tenha uma rotina diária supervisionada e regrada, estabelecendo-se horários para acordar e dormir, se alimentar e se exercitar – que é muito importante para o bem-estar desse indivíduo.

Além disso, visando garantir uma boa saúde dos idosos, é também aconselhável reservar horários para a realização de atividades cognitivas que estimulem a mente e o raciocínio, deixando menos tempo para a utilização de dispositivos, como celular e computador.

Apesar do isolamento social, é imprescindível criar uma rede de apoio afetivo-social para não deixar esse idoso totalmente isolado. No caso de pessoas com a saúde mais fragilizada, uma alternativa é organi-

zar encontros virtuais com a família, filhos e netos, para que o idoso não se sinta marginalizado e não sofra de solidão.

O suicídio é um problema preocupante em todo o mundo. A pandemia pode ter alguma relação com um possível aumento do número de suicídios?

No Brasil, não há estudos ou pesquisas que comprovem elevação da taxa de suicídios durante a pandemia. Mas sabe-se que houve aumento de transtornos mentais com o distanciamento social, o que pode ser um fator de risco para esse tipo de comportamento. Quanto mais afetada a saúde mental, maiores as chances de suicídio. Ou seja, sempre existe uma doença mental relacionada em um suicídio. Existem dados de um estudo de Michigan, nos EUA, que indicam um aumento de 32% no número de suicídios nesse período de pandemia. No Brasil, o site CQM – Comunica que Muda também revelou que as notícias de suicídio passaram de 7,5% em 2017 para 42% em 2020.


E quando se fala em suicídio, precisamos ficar atentos aos jovens, que apresentam maior vulnerabilidade para esse tipo de comportamento. São indivíduos que, pela própria juventude, ainda não desenvolveram a resiliência necessária para enfrentar esse momento, como as pessoas mais adultas. Muitos começam a ter comportamentos destrutivos, inclinação para o uso excessivo de álcool ou drogas de diversos tipos, o que acaba se intensificando com o tempo e impactando a saúde física e mental desse jovem.

Como a família pode oferecer ajuda aos pacientes com tendência ao suicídio?

Mais uma vez, não negligenciando os sintomas. A ajuda especializada é fundamental. Um idoso e jovem saudáveis não ficam falando o tempo inteiro sobre morte ou sobre tirar a própria vida. A família não pode perder esse “time”.

Diante de qualquer declaração desse tipo ou sintomas associados, como isolamento, cansaço, desânimo etc., os parentes precisam acompanhar mais de perto.

Mesmo que muitos serviços presenciais estejam temporariamente suspensos, há opções de consultas on-line que podem ajudar a família e o paciente.

Assim que notar pensamentos negativos ou relacionados à morte, evite deixar essa pessoa sozinha e retire de seu alcance objetos que possam machucá-los, como armas de fogo, facas, medicamentos e outros. 

Suicídio A difícil convivência consigo mesmo

Além da preocupação com a transmissão do novo coronavírus, que impôs o distanciamento social e a adoção de novos hábitos de convivência, inclusive protocolos mais rígidos de higiene, a pandemia expôs uma outra grande apreensão: a possibilidade de aumento de suicídios neste período, em que as dificuldades e incertezas geradas por uma crise sanitária sem precedentes podem motivar muitas pessoas a dar fim em suas vidas.

No Brasil, a taxa de suicídios a cada 100 mil habitantes aumentou 7% no Brasil nos últimos seis anos, enquanto que o índice mundial caiu 9,8%, conforme os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Em setembro, no meio da pandemia, aconteceu a campanha Setembro Amarelo, que, neste ano, também buscou chamar a atenção da sociedade e de governos para os impactos dos distúrbios psicológicos causados pela Covid-19 na saúde mental das pessoas.

Para abordar o assunto, a UPpharma entrevistou a Dra. Célia Regina da Silva Rocha, Psicóloga Clínica, Especialista em Psicologia do Sono, Docente e Coordenadora do Núcleo de Acessibilidade (NACe) e do Programa de Educação Especial (PROESP) da Universidade Cruzeiro do Sul/SP. Segundo ela, embora não existam dados recentes que indiquem um aumento de suicídio durante a pan-

demia, sabe-se que esse é um problema de saúde pública, que precisa da atenção dos governos, autoridades de saúde e da sociedade como um todo.

UPpharma – Em tempos de pandemia, o que tem acontecido com a saúde mental das pessoas?

Dra. Célia – As medidas tomadas para conter a disseminação da Covid-19, como o isolamento social, afetaram sobremaneira a vida das pessoas. Trabalho em home office, escolas e universidades fechadas e mudanças de hábitos e de rotina são algumas das mudanças observadas neste período. Nos primeiros dias “perdidos”, a pergunta de todos nós era: “o que eu vou fazer?”.

No Brasil, a taxa de suicídios a cada 100 mil habitantes aumentou 7% no Brasil nos últimos seis anos, enquanto que o índice mundial caiu 9,8%, conforme os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS).



Dra. Célia Regina da Silva Rocha

Não sabíamos como lidar com o tempo em outra rotina. Por outro lado, muitas pessoas experimentaram e gostaram daquilo que viveram, ou seja, descobriram a capacidade de se reinventar.

Percebi que neste período, muitas pessoas passaram a buscar atendimento psicológico para dar conta da ansiedade, da angústia e do medo. Os profissionais do campo da psicologia, por meio dos Conselhos e Associações, se mobilizaram para prover este tipo de atendimento, que tinham inicialmente a preocupação de atender aos profissionais da saúde, que estavam na linha de frente.

Porém, houve um aumento considerável da procura pela população por esse tipo de atendimento em todas as faixas etárias e de diferentes atuações profissionais. Então podemos entender que a saúde mental da população geral ficou bastante afetada.

O período pós-pandemia pode gerar mudanças definitivas na vida das pessoas, ou seja, o que é chamado de “novo normal” será adotado permanentemente pela população?

Em dia com a
**INOVAÇÃO
SAÚDE E
BEM-ESTAR**

Em linha com o compromisso de salvar vidas e promover mais qualidade de vida aos pacientes, a Daiichi Sankyo está ampliando seu portfólio de produtos para o tratamento de transtornos mentais.

EM BREVE



Paixão pela Inovação. Compromisso com os Pacientes.

Pandemia ou Sindemia?

O psicológico na pós-pandemia

Voltar ao Sumário

Acredito que a própria vivência da pandemia nos tornou pessoas diferentes. Para alguns indivíduos mudanças significativas ocorreram ao longo destes meses.

No mês de junho, desenvolvi um trabalho, por via remota, junto a adolescentes estudantes do Ensino Médio. Estes jovens relataram sentirem-se mais solidários e preocupados com o outro. Nutriam a expectativa de permanecerem com este propósito na pós-pandemia. De qualquer forma, esta pandemia provocou mudanças não apenas nos nossos hábitos de higiene, mas na percepção sobre nós mesmos e, sobretudo, sobre o outro.

Penso que, na pós-pandemia, os hábitos e cuidados sanitários serão mantidos, mas a humanidade como um todo precisará repensar a leitura que faz sobre a vida, mas não apenas sobre a sua vida, mas sobre aquilo que nos move e dá sentido: as relações e o estar verdadeiramente com o outro, podem ser considerada como uma mudança.

Recentemente, a senhora liderou uma live que discutiu o tema “Suicídio em tempos de pandemia”. Poderia compartilhar alguns pontos que considere importantes desse encontro e o que tem sido observado em termos de mudança comportamental das pessoas neste período?

Na Live, abordamos o “Suicídio em tempos da pandemia da Covid-19”, como parte da Campanha Setembro Amarelo – Prevenção ao suicídio. Este é um tema muito delicado e que requer todo um cuidado para abordar, por conta dos desafios e obstáculos que o cercam.

O Brasil aparece como o oitavo país em número de suicídios. Apesar de termos a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e Suicídio (lei nº 13.819/2019) e alguns serviços de apoio como CVV –

A pandemia expôs uma outra grande apreensão: a possibilidade de aumento de suicídios neste período, em que as dificuldades e incertezas geradas por um crise sanitária sem precedentes podem motivar muitas pessoas a dar fim em suas vidas.

Centro de Valorização da Vida e CQM – Comunica Que Muda, essas estatísticas aumentaram em 7% nos últimos seis anos. Acredito que os fatores sociais, econômicos e os transtornos mentais contribuíram para este aumento, acrescidos pela falta de perspectivas e expectativas para este contingente de jovens, que tentaram ou colocaram fim em suas próprias vidas.

Frente à pandemia da Covid-19, vários fatores podem ser considerados de risco, tais como aspectos por medo do vírus e o impacto emocional causado pelo distanciamento social. Somado a isso, temos o aumento da ansiedade e da depressão.

A crise econômica e o desemprego também são aspectos que podem contribuir para o aumento da depressão e suicídio.

Acredito que na desconstrução do preconceito e do estigma esteja a chave para tentar compreender os sinais dados pelos suicidas, por meio das verbalizações, comportamentos autolesivos e de risco. Nesse sentido, é preciso frisar a importância de oferecer o suporte aos familia-

res, que além da dor da perda, também sofrem discriminação e preconceito.


De fato, houve um crescimento no número de suicídios no Brasil durante a pandemia?

No cenário atual, ainda não temos dados precisos relacionados à pandemia. Mas chamam a atenção as estatísticas relacionadas à faixa etária de 15 a 29 anos de idade, ou seja, adolescentes e jovens adultos, além de pessoas acima de 65 anos de idade.

A campanha “Setembro Amarelo” tem-se mostrado eficaz na prevenção ao suicídio?

Considero que a campanha “Setembro Amarelo” tem se mostrado eficiente para conscientizar e mobilizar a sociedade a pensar ações de prevenção ao suicídio. Porém, esses eventos não acontecem somente no mês de setembro. Ocorrem durante todo o ano, quando as pessoas se vêm atormentadas pela convivência difícil consigo mesma.

Além disso, atualmente, com as medidas de isolamento e distanciamento social dos familiares e demais entes queridos, a população de risco fica ainda mais fragilizada.

Precisamos estar atentos, pois estamos perdendo um contingente de jovens em idade produtiva. Os dados assustam. A cada suicida, outros 20 tentam suicidar-se. Nossos jovens não estão suportando o estresse e a tensão “do viver” em um mundo permeado por tantas demandas, metas e exigências, as quais eles consideram que não darão conta. 

Transformação digital que vai além da utilização de tecnologias de ponta



Izaqueo Leal

Realmente, o ano de 2020 vai entrar para a história e só o tempo dirá quais mudanças a pandemia e o isolamento social irão provocar nos hábitos da população, mas, sem dúvida, importantes tendências foram impulsionadas no setor de saúde.

A saúde e o bem-estar dos pacientes são a razão da existência da Daiichi Sankyo Brasil e, para honrar seu compromisso, a companhia absorveu importantes aprendizados da casa matriz, no Japão, e antecipou iniciativas para preservar a vida de todos os envolvidos no processo – colaboradores, pacientes, profissionais da saúde, familiares, entre outros.

Diante de todos os desafios, a DSBR priorizou a proteção de seus colaboradores

– sendo uma das primeiras empresas a adotar o trabalho remoto – e implementou de forma ágil todos os protocolos de segurança para garantir o suprimento contínuo de medicamentos.

Com boa parte do time se adaptando às novas estratégias e tecnologias, rompemos com as limitações físicas, reforçando uma cultura ainda mais colaborativa, e nos preparamos para um futuro, antecipando nosso processo de Aceleração Digital.


Para isso, a Força de Vendas – formada por colaboradores integralmente dedicados a visitar consultórios médicos, hospitais, clínicas e farmácias – teve que se reinventar para levar informações atualizadas sobre os produtos e suas respectivas áreas terapêuticas. Por meio do projeto-piloto Representação de Vendas Digital, visitas remotas aos médicos foram viabilizadas.

Entretanto, uma transformação digital não está centrada apenas na adoção de ferramentas e tecnologias de ponta, mas também na habilidade de se conectar às necessidades de cada pessoa para ampliar a capacidade de contribuir com a melhoria da qualidade de vida.

A partir dessa visão, a Daiichi Sankyo lança o Medpedia, uma plataforma digital de educação médica continuada para promover o acesso dos profissionais da saúde a conteúdos sobre a aplicação de tecnologias na prática médica e oferecer serviços que facilitem e agilizem seu trabalho. Para isso, a plataforma conta com aulas médicas sobre temas como telemedicina, prescrição digital, inteligência

artificial na medicina, gestão remota de clínica médica, entre outros.

Ainda com o olhar para o futuro, seguimos investindo em pesquisa e desenvolvimento de novos tratamentos, com foco em medicamentos inovadores que irão atender às necessidades de médicos e pacientes, principalmente para o tratamento de pacientes oncológicos, que necessitam de medicamentos complexos que proporcionem mais qualidade de vida.

Seguimos acreditando em dias melhores e que momentos de volatilidade como esse se convertam em aprendizados, que geram valor para aqueles que são nosso maior compromisso: os pacientes, médicos e colaboradores. 

Rompemos com as limitações físicas, reforçando uma cultura ainda mais colaborativa, e nos preparamos para um futuro, antecipando nosso processo de Aceleração Digital.

Izaqueo Leal é Diretor de Vendas da Daiichi Sankyo Brasil Farmacêutica.

Desafios e aprendizados do ano que jamais esqueceremos



Renata Spallicci

O ano de 2020 nunca será esquecido pelas dificuldades, mas acredito que ainda mais pelos aprendizados e legados que nos deixará para o futuro.

O ano de 2020 ficará marcado para sempre na memória de todos nós. Foram meses totalmente atípicos em que o mundo enfrentou uma pandemia de proporções inéditas. De uma forma ou de outra, todos tivemos nossas vidas afetadas como nunca antes havíamos vivenciado.

E em uma crise de saúde pública, o que não dizer, então, da indústria farmacêutica? Na Apsen, tivemos que encarar desafios gigantes para manter nossas operações em funcionamento, a fim de garantir o tratamento de milhares de pessoas, tendo que contornar os desafios, desde o fornecimento de matéria-prima, até a implantação de protocolos específicos para garantir a saúde dos nossos colaboradores.

Desde os primeiros indícios da pandemia, estruturamos um comitê de crise com a presença da alta direção da empresa, a fim de termos mais agilidade e para que todas as questões pudessem ser analisadas por um olhar multidisciplinar e as tomadas de decisão fossem realizadas de forma colegiada.

Nosso primeiro obstáculo foi garantir que os insumos necessários aos nossos produtos, boa parte deles importada, mantivessem um fluxo normal, mesmo com todos os problemas de fechamentos de

aerportos e de mobilidade que acompanhamos em todo o mundo. Foram horas e horas de negociação com órgãos nacionais e internacionais para superarmos essa questão.

Paralelamente a isso, contratamos um conceituado médico Infectologista que atuou como Consultor Técnico e nos auxiliou na elaboração de protocolos de testagem, orientações técnicas quanto às medidas de enfrentamento à pandemia e elaboração de relatórios técnicos orientativos, o que possibilitou darmos embasamento científico a todas as nossas ações.

Com a participação desse infectologista e de outros dois médicos do nosso corpo clínico, criamos um comitê médico que realizou o monitoramento dos casos de nossos colaboradores em todo o Brasil e conduziu, periodicamente, reuniões de harmonização de nossos protocolos de testagem e enfrentamento à pandemia com os protocolos das empresas terceirizadas que prestam serviços em nossas dependências.

Aliado a tudo isso, realizamos todos os protocolos que vimos em boa parte das empresas: teletrabalho para as áreas administrativas e rígidos processos de segurança para os colaboradores das áreas produtivas e técnicas que continuaram atuando presencialmente.

Pandemia ou Sindemia?

O psicológico na pós-pandemia

Voltar ao Sumário

Na Apsen, a transformação digital é algo que viemos acompanhando e trabalhando há um bom tempo, e este momento nos forçou a realizar em meses mudanças que talvez levassem anos.

AS MUDANÇAS QUE VIERAM PARA FICAR

Todo desafio traz aprendizados. Muitas invenções e tecnologias que adotamos hoje em nosso dia a dia são fruto de esforços de guerra e de buscas para soluções de problemas. E eu tenho a certeza de que, com a questão do coronavírus, também avançamos algumas casas em certos hábitos e tecnologias que vieram para ficar.

Não é de agora que acompanhamos uma tendência do mundo dos negócios à digitalização. E-commerce, reuniões virtuais, treinamento por EAD, interações com clientes por meio de inteligência artificial, entre outros modelos, vinham entrando paulatinamente no vocabulário e no planejamento das corporações.

Mas, de repente, as empresas tiveram de fazer muitas dessas transformações quase que, literalmente, da noite para o dia. A quarentena imposta para evitar a disseminação da Covid-19 fez acontecer, em menos de uma semana, uma transformação que imaginávamos em um cenário de cinco anos.

O HOME OFFICE É SÓ A PONTA DO ICEBERG

No futuro, quando falarmos das mudanças drásticas que as empresas passaram nesses meses, certamente, lembraremos, em primeiro lugar, da instituição generalizada do teletrabalho.

Neste ponto, acredito que a mudança está sendo muito mais comportamental do que tecnológica. Afinal, boa parte das ferramentas que colaboradores de todas as empresas estão agora usando à exaustão já estava aí – foi só uma questão de começar a usar.

E eu vejo que este movimento trará ao mundo pós-corona alguns importantes questionamentos: precisamos mesmo de tantas pessoas trabalhando em escritórios e se deslocando horas e horas para irem ao trabalho, quando podem fazer isso de suas casas? Principalmente quando muitas empresas constatam que os níveis de produtividade estão acima dos apresentados anteriormente?

São necessárias tantas reuniões ao longo do dia? Ou podemos ser mais assertivos com reuniões e comunicações digitais e deixar as pessoas livres para terem mais tempo de executarem suas atividades e explicitarem seus talentos?

Temos profissionais capazes para atuarem de forma remota com responsabilidade e autonomia? Ou ainda seguimos métodos de liderança ultrapassados, nos quais o líder sente que parte do seu poder está em tutelar e controlar seus liderados?

Sem dúvida, essas são respostas que as empresas precisam começar a buscar, porque o mundo pós-quarentena não será mais o mesmo neste aspecto.

AÇÕES COMERCIAIS


Se temos todas essas questões para analisar, quando olhamos as relações das empresas da porta para dentro, o que não falar delas da porta para fora? Hoje, a presença comercial nas plataformas digitais já é uma realidade e quase uma situação *sine qua non* (essencial) para boa parte das companhias. Mas o mundo digital vai muito além da venda pela internet.

Na Apsen, por exemplo, a transformação digital é algo que viemos acompanhando e trabalhando há um bom tempo, e este momento nos forçou a realizar em meses mudanças que talvez levassem anos.

Podemos destacar a nossa forma de interação dos propagandistas com os clientes e profissionais da saúde. Por causa da nossa determinação de suspender as visitas neste momento da pandemia, passamos a ter uma linha direta com esses profissionais por canais digitais, que permitiram que estivéssemos mais próximos e de forma mais assertiva mesmo com todas as limitações do momento.

Nossos lançamentos de produtos e reuniões gerais com representantes também encontraram no mundo virtual uma nova forma de realização, com possibilidades, que, certamente, voltarão a ser utilizadas mesmo no pós-pandemia.

Enfim, o ano de 2020 nunca será esquecido pelas dificuldades, mas acredito que ainda mais pelos aprendizados e legados que nos deixará para o futuro.

É isso que mais espero levar desse período! E para você, qual o grande aprendizado que 2020 deixou? Busque seu propósito. Deixe o seu legado 

Renata Spallicci Vice-Presidente Executiva da Apsen Farmacêutica.



O grande desafio para a Indústria farmacêutica

Representante em home office e visitas on-line



Hamilton Conde

Como introdução deste artigo, é inevitável discorrermos sobre o cenário passado, presente e ensaiarmos uma viagem para futuro.

[Os médicos assediados por empresas de outros segmentos de mercado](#)

Antes da pandemia:

- Dificuldade crescente para visitas presenciais em hospitais e ambulatorios.
- Resistência da classe médica para receber visitas on-line.

Durante a pandemia:

- Permanece a resistência da classe médica para receber visitas on-line.
- Disputa acirrada da indústria farmacêutica por espaço na complicada agenda dos médicos.
- Médico adere à interatividade por vídeo e às consultas virtuais no seu dia a dia.

Pós-pandemia:

- Médicos resistirão às visitas presenciais dando preferência para as visitas on-line, desde que os acessos se tornem mais simples e disciplinados.

É sabido que a visita médica presencial faz parte da cultura do segmento médico-farmacêutico há décadas. Embora as dificuldades para acessar os médicos venham crescendo ano após ano, indubitavelmente, esta forma de relacionamento ainda permanece viva e peculiar ao segmento.

Com a adesão dos médicos às ferramentas digitais, abriu-se uma grande oportunidade para empresas de outros segmentos de mercado, que antes não acessavam os médicos presencialmente. Eram várias as razões:

1. A principal, seguramente estava relacionada à manutenção de uma força promocional com seus custos inerentes (frota de carros, diárias etc...) só suportados pelo segmento farmacêutico.

2. O representante da indústria farmacêutica sempre teve o privilégio de acesso aos médicos. Eu diria até, tendo a preferência frente aos pacientes e outros profissionais que tentavam o acesso.

“Quantos aplicativos instalados no Smartphone do médico serão necessários para atender as visitas on-line dos representantes da indústria farmacêutica?”

Com a chegada das visitas on-line, os custos estão sendo reduzidos significativamente, possibilitando que outros segmentos da indústria de equipamentos, materiais e serviços passem a assediar os médicos, obviamente, considerando o seu potencial.

Portanto, estamos diante de uma nova realidade que a indústria farmacêutica deverá focar daqui pra frente. O tempo útil do médico para receber o representante da indústria agora está sendo também compartilhado com representantes de outros segmentos de mercado.

Exigências para o novo cenário

Fica aqui o convite a todos os profissionais do marketing da indústria farmacêutica para uma reflexão:

“Quantos aplicativos instalados no Smartphone do médico serão necessários para atender as visitas on-line dos representantes da indústria farmacêutica?”

Cada aplicativo com as suas peculiaridades, exigindo um tempo de cada médico para instalação e familiarização! Isto é sustentável?

O segmento precisa pensar, rapidamente, em decisões que contornem esta situação de risco de perda de presença junto aos médicos.

Mudança de cultura em cenários de crise Sabemos que o segmento farmacêutico, mesmo em períodos de crise, é um dos menos afetados. Talvez seja esta a principal razão da cultura sólida no formato de comunicação da indústria com a classe médica.

A Covid-19 trouxe mudanças significativas no ambiente profissional médico que a indústria precisa absorver rapidamente dentro deste novo cenário:

1. Serviços hospitalares e ambulatoriais restringindo gradativamente a presença de representantes em trabalhos de promoção.

2. Médicos estão aderindo às consultas virtuais rapidamente. Portanto, teremos como consequência, um número menor de consultórios e médicos disponíveis para promoções presenciais.

3. Vários aplicativos de consultas on-line já estão no mercado e outros serão lançados em breve, com objetivos de não só oferecer as ferramentas para as consultas on-line, como também aproximar os pacientes dos médicos para esta modalidade.

A indústria só tem duas alternativas:

1. Acreditar que nada vai mudar no dia a dia do trabalho promocional do representante e assumir a relação custo-benefício desfavorável, mais uma vez.


2. Fazer uma reavaliação nos objetivos, estratégias e táticas do departamento de digital nas empresas, atribuindo-lhes novas responsabilidades, além de administração de sites e mídias sociais.

Expectativas no trabalho promocional do Representante

Talvez por ter sido Representante da indústria farmacêutica e acompanhado a evolução do segmento médico-farmacêutico há 51 anos, tenho a convicção

de que algo precisa ser reformulado urgentemente. Medidas serão bem-vindas, visando manter e até aumentar a importância do Representante junto aos médicos, preservando o espaço conquistado no passado e preservando as posições hoje ocupadas.

Para finalizar, e com respeito a todos que comandam o segmento farmacêutico, me permito afirmar que o modelo de acesso do Representante junto aos médicos precisa ser reformulado, ajustando-o à nova realidade. Se continuarmos acreditando que nada substitui a presença física do Representante junto ao médico, estaremos em completo desalinho com o atual comportamento do médico que também afirmava: “A consulta médica só pode acontecer com a presença física do paciente”.

Hoje, os médicos estão atualizando a sua posição. Aderiram à consulta virtual, que pode, sim, substituir um grande número de consultas, com redução de custos, propiciando acesso a um número maior de pacientes. O clima está favorável e as portas estão abertas para as empresas que souberem aproveitar. 

Hamilton Conde é Diretor Presidente da Atitude Mídia Digital.
E-mail: hamilton.conde@atitude.com.br

Se o meu filho mandasse em mim

Quem é leitor dos meus livros ou me conhece ou me segue nas redes sociais, sabe que tive o privilégio de nascer com uma alma libertária. Mais do que isso, tive um segundo privilégio de ter tido pais maravilhosos, generosos e com uma cabeça à frente do seu tempo, que, portanto, só fizeram incentivar a minha liberdade.

Por fim, o terceiro grande privilégio foi ter sido jovem nos anos 1960, uma juventude que pensava poder mudar a face do planeta com seus versos de paz e amor, suas músicas de protesto e sua máxima do faça-amor-não-faça-a-guerra.

Tive mestres maravilhosos na escola básica e depois nas universidades que cursei. Desde criança, li muito e me deparei com diferentes visões de mundo e diferentes posições políticas, o que me fez mais tolerante e mais compreensiva, ouvidos abertos para pensamentos diferentes dos meus.

Isso tudo são fatos da minha vida pelos quais, todos os dias, agradeço a Deus ou ao Universo, não sei bem...

O que estou dizendo é apenas para que o leitor compreenda o quão surpreendente foi uma consulta médica pela qual passei há cerca de duas décadas atrás.

O médico em questão era um badalado cientista que estava na moda. As feministas o acusavam de impingir métodos contraceptivos às mulheres pobres de seu estado, sem sequer perguntar a elas se era isso o que queriam. Para ser sincera, do alto da minha ingenuidade intelectual, eu não conseguia acreditar que um homem tão dedicado à ciência e à arte de curar fosse capaz de uma atitude dessas, e atribuí os rumores que o cercavam à inveja e à maledicência que, frequentemente, recaem sobre os bem-sucedidos nessa vida.

Se você está nessa condição de submissão – muitas vezes, submetida até à violência doméstica – pule fora desse barco! Pule, em nome da sua saúde e do seu bem-estar.

Seja você mesma, assuma seus pensamentos, suas convicções, sejam essas quais forem, e não permita que ninguém a trate como propriedade.

O Professor em questão mantinha um consultório em São Paulo, embora lecionasse Medicina e fizesse suas pesquisas em seu estado de origem. A cada quinze dias estava por aqui. Convidei-o para o meu programa de TV e o entrevistei. Ele me disse que tivera sucesso controlando a Síndrome da Tensão Pré- Menstrual de uma celebridade feminina, minha colega de TV, só que muito mais famosa do que eu, uma celebridade global.

Ora, eu sofria também com minhas oscilações de humor na TPM e imaginava que meu marido era um santo por aturar isso em mim. Rapidamente, marquei uma consulta. Queria que o médico famoso me lixasse também do martírio emocional da dança dos hormônios femininos, o que, aliás, sempre julguei um alto preço pelo privilégio de gestar um filho.

Muito bem. A consulta ia às mil maravilhas quando ele me pergunta:

“– Mas você fuma?”

Sim. Eu fumava, à época, há vinte anos. E ele:

“– Você vai parar de fumar porque, com esse coquetel de medicamentos que lhe estou receitando, não é possível fumar.”

Respondi:

“– Não sei se consigo e nem sei se quero.”

Ele:

“– Não me importo com o que você quer. Eu vou telefonar para o seu filho e ele vai obrigar você a parar de fumar.”

Quase caí da cadeira. Que arrogância! Que prepotência!

Começa pelo fato de que eu não tenho filhos e essa foi uma opção que fiz na juventude: não ter filhos para poder me dedicar inteiramente à vida profissional. E continua pela evidência de que, se eu tivesse algum filho, jamais permitiria que ele exercesse qualquer autoridade sobre mim.

Imagine o meu susto! O susto de quem jamais poderia imaginar tanta prepotência machista num homem que, até aquele momento, era digno da minha admiração!

Saí da consulta, acendi um cigarro, amassei a receita que ele me dera e joguei na lata de lixo da recepção mesmo. Nunca mais falei com o sujeito e muito menos o entrevistei novamente na TV.

Então percebi que aquela era uma realidade para muitas mulheres conformadas com a sua condição social inferior. Percebi que deveriam existir muitos e muitos lares onde não apenas os maridos mandavam nas mulheres, mas também os seus próprios filhos.


Não vou me estender nesse assunto batido e que não é do agrado de ninguém. Mas tenho algo importante a dizer a você, mulher, leitora, amiga: Não existe saúde mental que resista à condição de submissão e intimidação. E sem saúde mental não existe saúde física.

Se você está nessa condição de submissão – muitas vezes, submetida até à violência doméstica – pule fora desse barco! Pule, em nome da sua saúde e do

seu bem-estar. Pouco importa se você vai perder alguma coisa, como dinheiro ou status. Vá trabalhar. Vá conquistar o seu próprio dinheiro e o seu próprio status na sociedade. Todos os trabalhos são dignos, ainda que os mais humildes. E, embora pareça o contrário, o dinheiro não é tudo nessa vida.

Seja você mesma, assuma seus pensamentos, suas convicções, sejam essas quais forem, e não permita que ninguém, ninguém mesmo, a trate como propriedade, como inferior, como escrava ou saco de pancada.

Seja livre e você se descobrirá sadia e feliz.

Graças a Deus (e às mulheres organizadas) hoje existem muitas instituições* que podem ajudar você a dar esse primeiro passo. Liberte-se. 

*(61)3323.7264, Centro de Atendimento à Mulher; 100, Ministério da Mulher e da Família; 180, Disque Denúncia; (61)3226.5024, Casa da Mulher Brasileira; (61)3910.1350, Programa de Prevenção à Violência Doméstica da Polícia Militar. Ou mande um e-mail para najmulher@defensoria.gov.br.

Isabel Fomn Vasconcellos é escritora, apresentadora de TV e jornalista especializada em saúde.
E-mail: isabel@isabelvasconcellos.com.br

A pandemia, o futuro e a autocrítica do SUS

Talvez a pandemia do Coronavírus não tenha sido suficiente para testar a real capacidade de atendimento e assistência do SUS. No longo prazo, o que está por vir talvez seja uma crise de dimensões ainda maiores.

No fim de outubro, mês dedicado às campanhas de prevenção contra o câncer de mama, conhecido como Outubro Rosa, um decreto assinado pelo presidente Jair Bolsonaro somou-se à interminável lista de assuntos polêmicos gerados a partir do Palácio do Planalto.

O decreto pretendia, por meio de estudos, avaliar a possibilidade de conceder os serviços das 41.545 Unidades Básicas de Saúde, (UBSs), em todo o Brasil, por meio de “parcerias com a iniciativa privada para a construção, modernização e a operação” dessas unidades. Os estudos seriam feitos no âmbito do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI) e a iniciativa teria sido do ministro Paulo Guedes, sem o envolvimento do Ministério da Saúde.

Sem entrar no mérito político da questão, a assinatura de um decreto nesses termos, poderia ser apenas uma cortina de fumaça, uma forma de testar a opinião pública e a reação de políticos e de organizações de saúde.

Mas a ideia se autodestruíu após um bombardeio de críticas, especialmente dos opositores do Governo, de que este poderia ser o primeiro passo para a privatização do SUS. Alguns dias depois, o decreto estava revogado.

O fato político é efêmero e os balões de ensaio inflados no Planalto Central nunca irão sobrepor à realidade. Na crise do Coronavírus, hospitais privados tiveram papel crucial na recuperação dos doentes

graves de Covid-19, que, possivelmente, não teriam sucesso como pacientes do sistema público de saúde. Em momentos críticos como este, que estamos vivendo, não é necessário a assinatura de um decreto para mostrar a viabilidade de parceria ou sinergia entre o SUS e o setor privado de saúde. O prognóstico é de que a pandemia adentre 2021 demandando fortemente o sistema público, que dependerá cada vez mais da capacidade de atendimento, agilidade, conhecimento científico, investimento e acesso às tecnologias concentradas no segmento privado de ponta, exigindo uma resposta coordenada do sistema como um todo para dar continuidade ao enfrentamento da doença.

Há muito, o SUS trabalha com a iniciativa privada. Hospitais de referência em São Paulo e em outros estados, há pelo menos uma década, participam do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Institucional do Sistema Único de Saúde (PROADI-SUS).

O HCor auxilia o SUS na ampliação do uso da telemedicina no combate à pandemia. O Hospital Alemão Oswaldo Cruz vem ajudando o SUS a ampliar as cirurgias bariátricas por meio da técnica de videolaparoscopia incorporada no rol de procedimentos do SUS. Além disso, o próprio Oswaldo Cruz desenvolve projetos de reestruturação de hospitais públicos com foco em gestão.

Mais um exemplo: o Hospital Israelita Albert Einstein já realizou cerca de 3,5 mil transplantes de órgãos sólidos para pacientes do SUS, além de desenvolver projetos que envolvem inteligência artificial e big data no sistema público; sem contar outras iniciativas de prevenção, diagnóstico e tratamento do câncer e de muitas

outras doenças em instituições privadas de referência espalhadas pelo Brasil.

Sem a parceira com a iniciativa privada, o SUS corre sérios riscos. Em plena pandemia, o próprio Governo propôs corte de 7% no orçamento da saúde para 2021, que cairia para R\$127,7 bilhões, R\$47 bilhões a menos que o valor alcançado neste ano, após a liberação de recursos extras para o combate à crise da Covid-19. Sem recursos, a dependência do setor privado será francamente maior.


Depois da crise do Coronavírus, que afetou também a economia, o SUS ainda enfrentará outros desafios: a população estará mais pobre e acometida por outras enfermidades decorrentes da própria crise. Ainda terá de pensar no custo da compra da futura vacina, que poderá amenizar os efeitos da pandemia, ao mesmo tempo em que precisará resolver o problema da logística da cobertura vacinal, hoje abaixo da média histórica do Ministério da Saúde.

E como será se vier uma segunda onda da Covid? E se tivermos uma nova pandemia de um vírus ainda não monitorado? Isso tudo sem contar com um outro fator, já identificado bem antes da pandemia, que é aumento da carga de doenças por conta do envelhecimento da população.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa para 2035 é de que o número de pessoas acima de 65 anos chegue a 48 milhões, aumentando o percentual para 21% da população brasileira.

Talvez a pandemia do coronavírus não tenha sido suficiente para testar a real capacidade de atendimento e assistência do SUS. No longo prazo, o que está por vir

talvez seja uma crise de dimensões ainda maiores, e os recursos humanos, técnicos e financeiros continuarão a ser insuficientes. Alguém poderá negar o apoio ou a parceria com a iniciativa privada? Não se trata de rever o modelo do SUS, que, conceitualmente, é exemplo para o mundo, mas o sistema precisa urgentemente de afeiçoamentos.

A ideia de fortalecer o nosso sistema público de saúde não pode significar nem se limitar apenas à busca por mais financiamento. O processo de fortalecimento do SUS pode começar com um exercício simples de autocrítica: reconhecer que os princípios da integralidade, universalidade e equidade, preconizados na Constituição Federal de 1988, tenham sido ousados demais para um País de dimensões continentais que, 32 anos após sua promulgação, envelheceu antes de ficar rico. 

Na crise do coronavírus, hospitais privados tiveram papel crucial na recuperação dos doentes graves de Covid-19, que, possivelmente, não teriam sucesso como pacientes do sistema público de saúde.

Octávio Nunes é Diretor Executivo da MDHealth - Educação Médica Independente.
E-mail: octavionunes07@gmail.com

Prêmio Sindusfarma de Qualidade 2020

Pela primeira vez on-line, a cerimônia foi transmitida de um estúdio instalado no World Trade Center (WTC), em São Paulo, e agraciou os 23 melhores fornecedores e prestadores de serviço da indústria farmacêutica

Seguindo todas as recomendações de distanciamento social para prevenção da Covid-19, o Sindusfarma realizou, em 6 de outubro, o Prêmio Qualidade 2020 que agraciou os 23 melhores fornecedores e prestadores de serviço da indústria farmacêutica. Pela primeira vez on-line, a cerimônia foi transmitida de um estúdio instalado no World Trade Center (WTC), em São Paulo. O evento foi apresentado pela jornalista Amanda Klein. O Prêmio Qualidade é concedido há 24 anos pelo Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos (Sindusfarma).

A cerimônia do Prêmio Sindusfarma de Qualidade contou com a participação de diversas autoridades, como o Secretário Especial de Produtividade, Emprego e Competitividade do Ministério da Economia, Carlos Alexandre da Costa; a Diretora da Anvisa, Alessandra Bastos Soares; e o Secretário de Atenção Especializada à Saúde do Ministério da Saúde, Luiz Otávio Franco Duarte.

Da Costa falou dos três pilares que orientam o Governo na economia: redução do Custo Brasil; implementação de um estado da arte em propriedade intelectual; e a criação de um ambiente de mais competição e mais liberdade.

“Vamos avançar na liberalização. Mais concorrência, mais liberdade, menos burocracia, pois só assim a nossa indústria farmacêutica vai despontar. Vimos, durante a pandemia, a importância de termos diferentes origens de fornecimento [de medicamentos] no mundo. Isso abre uma oportunidade para o Brasil”, concluiu da Costa.

A Diretora da Anvisa, Alessandra Bastos Soares, por sua vez, garantiu que mudanças têm ocorrido na Agência. “As coisas vêm mudando para melhor. Estamos empenhados em conversar, cada vez mais, com o setor produtivo, para que as práticas regulatórias sejam melhoradas, em sintonia com as melhores práticas mundiais. Nossa missão é garantir que os padrões de qualidade dos produtos estejam em linha com os padrões exigidos”, disse

A colaboração estreita entre a indústria farmacêutica e o Governo durante a pandemia foi destacada pelo secretário de Atenção Especializada à Saúde do Ministério da Saúde, Luiz Otávio Franco Duarte. “O País não colapsou graças à integração do setor público com o setor privado em prol de um só objetivo: salvar vidas”, disse Duarte.

“Há 18 anos, estamos comprometidos com as boas práticas e melhoria contínua dos nossos processos e serviços. Ficamos honrados em contribuir com a qualidade dos produtos da indústria farmacêutica”, disse Carina Pimentel Itapema Alves, Diretora Técnica do Instituto de Ciências Farmacêuticas, vencedora da categoria “Terceirização de Ensaios e Análises”.



Máquinas e Equipamentos	
Máquinas e Equipamentos de Fabricação	Merck

Matérias-Primas	
Fabricantes de Matérias-Primas	Colorcon do Brasil
Importadores de Matérias-Primas	Merck

Materiais, Equipamentos, Instrumentos e Serviços de Controle de Qualidade	
Equipamentos de Laboratório	Agilent Technologies
Materiais de Laboratório	LAS do Brasil
Projetos e Instalações	Nordika
Terceirização de Ensaio e Análises	ICF - Instituto de Ciências Farmacêuticas

Materiais de Embalagem	
Bisnagas	Ancor Flexibles
Bulas	Gráfica Laramara
Cartuchos	Gráfica e Editora Sarapui Ltda.
Embalagens de Transporte	Grupo Penha
Embalagens Primárias para Injetáveis	BD
Filmes Plásticos para Blister	Klöckner Pentaplast do Brasil
Frascos e Tampas Plásticas	Gerresheimer
Laminados de Alumínio	Embalagens Flexíveis Diadema S/A
Rótulos	Prakolar Sato Rótulos

Prestadores de Serviços	
Armazenagem e Distribuição de Medicamentos	AGV Health & Nutrition
Despachos Aduaneiros e Comércio Exterior	Fiorde Logística International
Prestação de Serviços para Controle da Qualidade	Agilent Technologies
Prestação de Serviços para Produção	Five Validation
Soluções para Cadeia Fria	Polar Técnica
Filmes Plásticos para Blister	Klöckner Pentaplast do Brasil
Frascos e Tampas Plásticas	Gerresheimer
Terceirização de Produção e Embalagem	Eurofarma
Transporte de Medicamentos	AGV Health & Nutrition


“Estamos extremamente felizes e orgulhosos por mais esse prêmio. Quero agradecer, em nome da empresa, a todos os nossos clientes pela parceria e confiança”, disse **André Gonçalves, Diretor Industrial da Klockner Pentaplast do Brasil, vencedora da categoria “Filmes Plásticos para Blister”**.

“É muita felicidade. Para nós, esse reconhecimento é de extrema importância, porque traz exatamente a confirmação de que estamos no caminho certo”, disse **Carlos Escobar, Diretor Comercial Farma da Embalagens Flexíveis Diadema, vencedora da categoria “Laminados de Alumínio”**.

PATRONESSE

Maria Heloísa Simão foi a personalidade da indústria farmacêutica homenageada neste ano com o título de patronesse do Prêmio Sindusfarma de Qualidade. Instituída em 2016, a honraria destaca executivos cuja atuação está estreitamente ligada à qualidade e ao aprimoramento tecnológico e científico do setor.

Formada em Economia pela Universidade de São Paulo (USP), Heloísa Simão tem uma brilhante carreira na indústria farmacêutica. De estagiária na Bristol-Myers Squibb (BMS) à Presidente da Zodiac, ostenta uma trajetória exemplar de mulher pioneira num ambiente corporativo até pouco tempo atrás dominado quase que exclusivamente por homens.

“Sou uma apaixonada pela indústria farmacêutica. E essa paixão vem desde a minha infância, quando, acompanhando os passos do meu pai, Rubens Macedo, que dedicou sua carreira profissional a serviço da indústria farmacêutica no Brasil, aprendi o valor deste segmento na promoção da saúde e de qualidade de vida do ser humano. São esses os propósitos que me fazem levantar todos os dias com muita energia e fazer o meu trabalho com entusiasmo”, disse Maria Heloísa Simão, no agradecimento que fez ao vivo durante a cerimônia. 

“Estamos extremamente felizes e orgulhosos por mais esse prêmio. Quero agradecer, em nome da empresa, a todos os nossos clientes pela parceria e confiança”, disse **André Gonçalves, Diretor Industrial da Klockner Pentaplast do Brasil, vencedora da categoria “Filmes Plásticos para Blister”**.





BLOGS? JURA?

Um blog é o único local em que você tem autoridade total e liberdade para se comunicar com seu cliente da forma que preferir.

Numa era em que a maioria esmagadora dos Influencers é reconhecida por seus protagonismos em alguma das redes sociais, falar em blog pode parecer anacrônico. Afinal, nos últimos tempos, ouvimos muito mais sobre youtubers, instagramers e tiktokers do que bloggers.

Uma decorrência natural é se perguntar sobre a necessidade de manter um blog como parte da sua estratégia de marketing de conteúdo. E a resposta é sim, é algo fundamental. A pergunta seguinte tende a ser um: por quê? Por alguns motivos, mas o principal deles é bem simples: esse é o único local em que você tem autoridade total e liberdade para se comunicar com seu cliente da forma que preferir.

Todos os seguidores que uma empresa - ou personalidade - têm nas redes sociais, são, na verdade, "propriedades" dessas

entidades. Elas simplesmente "emprestam" os seguidores para você e podem "des-emprestar" a hora que quiserem.

O que já aconteceu, muitas vezes, com muitas empresas, e pessoas e pode acontecer com você também. Às vezes, como punição por práticas que afrontam as políticas de uso da rede social em questão - algumas das quais nem temos consciência -, mas também por equívocos nos algoritmos de vigilância.

Essa autoridade total sobre o seu blog também tem benefícios adicionais, como por exemplo, o direito de determinar o formato que você quer usar, o que não acontece nas redes sociais, cada uma com seus padrões e limitações.

Vale dizer que isso não significa que as redes sociais não sejam importantes. Sem elas, seu blog vai ficar escondido

da maioria das pessoas para quem você quer produzir conteúdo. Sendo assim, o melhor caminho é divulgar seu conteúdo pelas redes sociais - organicamente e impulsionando seus posts - e direcionando seus prospects para seu blog, onde você pode envolvê-los com mais conteúdo, cadastrá-los e nutrir a relação de forma que ele se aproxime de sua empresa e esteja acessível.

Outras formas de divulgação como anúncios em mecanismos de busca, em outras plataformas digitais e até na mídia off-line também são direcionadores de tráfego para seu blog.

Nesse sentido, o melhor caminho é manter o blog como hub da sua estratégia de marketing de conteúdo, centralizando tudo aquilo que você produz e usando as mídias, principalmente as sociais, como potencializadores. 📌



O melhor caminho é manter o blog como hub da sua estratégia de marketing de conteúdo, centralizando tudo aquilo que você produz e usando as mídias, principalmente as sociais, como potencializadores.

Yuri Trafane é Professor Universitário, Consultor em Marketing e Diretor Executivo da Ynner Marketing & Treinamentos.
E-mail: yuri@ynner.com.br



O PACIENTE SERÁ OUVIDO PELA CONITEC!

QUAL O PAPEL DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA ?

Com os meios de comunicação e informação que a indústria farmacêutica possui, precisamos tornar o Advocacy mais estratégico e liderar nas tomadas de decisão.

A Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde - CONITEC foi criada pela lei nº 12.401, de 28 de abril de 2011, em substituição à antiga CITEC (Comissão de Incorporação de Tecnologias do Ministério da Saúde), tendo a sua primeira reunião no dia 02 de fevereiro de 2012, no auditório da OPAS/OMS Brasil. O objetivo foi apresentar à Comissão as normas legais que regeriam o novo modelo e criar uma maior integração entre o grupo.

Como já sabemos, um dos objetivos de se formar a CONITEC foi dar mais agilidade, transparência e eficiência na análise dos processos de incorporação de tecnologias, incluindo análises baseadas em evidências, levando em consideração aspectos como eficácia, acurácia, efetividade e a segurança da tecnologia, além da avaliação econômica comparativa dos benefícios e dos custos em relação às tecnologias já existentes no SUS.

Por mais que o uso de dados de vida real seja um item primordial na avaliação de tecnologias de agências de todo mundo, faltava um elemento importante que precisava ser considerado nas avaliações: a presença do paciente falando sobre a sua experiência com a condição em questão e opinando sobre melhorias no sistema de saúde.

Já faz tempo que a sociedade civil, as indústrias farmacêuticas e as representações/associações de pacientes falam em incluir a **voz do paciente** nas decisões que farão diferença no curso de sua doença e, aparentemente, o Ministério da Saúde

está começando a olhar e aplicar ações para, de fato, aproximar essa realidade da tomada de decisão de incorporação de novas tecnologias no âmbito do SUS.

Em outubro, a CONITEC lançou em seu fluxo de ATS (Avaliação de Tecnologia em Saúde), a participação do Paciente-Testemunho. Segundo o site da comissão (<http://conitec.gov.br/usuario-do-sus-poder-participar-da-reuniao-da-conitec>): *“O paciente-testemunho é o cidadão que participa da reunião da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde” (CONITEC) oferecendo a perspectiva do usuário do Sistema Único de Saúde (SUS) ao relatar suas experiências no enfrentamento das mais diversas condições de saúde. A proposta de inserir o cidadão na reunião da CONITEC visa estimular a participação social no processo de Avaliação de Tecnologias em Saúde (ATS), uma vez que todos os aspectos ligados à vida real trazem considerações importantes para esse processo.”*

Detalhando o fluxo proposto, a participação do paciente-testemunho ocorrerá no início da discussão do tema para o qual o mesmo se inscreveu, durante a reunião que emitirá o parecer inicial de uma avaliação de tecnologia. Será permitido um paciente por tema tratado e este terá 10 (dez) minutos para expor a sua perspectiva como usuário do Sistema de Saúde e protagonista de sua jornada como paciente.

A primeira participação com esse modelo está prevista para a 93ª reunião, no mês de dezembro. A pauta será sobre o medicamento tafamidis meglumina para tratamento da cardiomiopatia amiloide, doença rara

Já faz tempo que a sociedade civil, as indústrias farmacêuticas e as representações/ associações de pacientes falam em incluir a voz do paciente nas decisões que farão diferença no curso de sua doença.

causada por um distúrbio do metabolismo de proteínas que atinge os tecidos do coração, prejudicando seu funcionamento.

Com o visível aumento do engajamento de pacientes e representantes das associações de pacientes em processos que envolvem a melhoria dos sistemas de saúde no qual estão inseridos, exercendo seu papel como conhecedores de seus direitos e sempre atualizados sobre os avanços em tecnologias desenvolvidas para suas diversas condições, a necessidade de envolver a sociedade civil nesse processo se tornou um movimento mais do que necessário.

Diversas agências de ATS no mundo, cada uma com sua maneira distinta, têm considerado diferentes formas de incluir a perspectiva do paciente em seu processo, trazendo um modelo com foco (ou que deveria focar) em colocar o paciente no centro dessa decisão.

No Brasil, os pedidos por transparência de processo e participação social vêm sendo solicitados pelas associações de pacientes há um certo tempo e, aparentemente, eles foram ouvidos. Aos poucos, as partes começam a se encontrar para participar e construir juntas um modelo de futuro, mais democrático e participativo, ouvindo a vida do paciente como ela é. Assim, a plenária da CONITEC poderá entender, sob a perspectiva do paciente, os efeitos reais da incorporação através dos ganhos de qualidade de vida e entender se esta nova tecnologia realmente poderá melhorar ainda mais seu tratamento atual no SUS. Em uma visão mais otimista e sem pensar como este modelo se desenvol-

verá na prática, acredito que a CONITEC avançou muito em escutar todas as partes envolvidas por meio da democracia da decisão antes tomada por uma plenária.


Os pacientes falavam muito por meio das consultas públicas, mas agora estarão frente a frente com os tomadores de decisões, discutindo sobre seu tratamento, e nada como os próprios pacientes para falarem com legitimidade o que eles sentem e passam com a doença que possuem. Em tempo, o tema sobre o que é e como participar em consultas públicas merece um artigo de comunicação efetiva e educação social sobre o poder que temos como cidadãos para melhorar o sistema e, muitas vezes, desconhecemos.

Associações de pacientes, que também já tinham conquistado seu espaço para maior contribuição no sistema e que representam um coletivo, precisam estar cientes das inovações que rondam o ambiente que elas representam! E não, não é uma questão de promover algo para que se torne um desejo de consumo, NÃO! É sobre ter transparência, usar dados claros sobre o mecanismo de uma nova tecnologia, sobre como ela agiria para tratar uma condição sem dizer que ela é “a melhor” ou “a salvação” para algo. É sobre educar e deixar claro que cada pessoa tem uma realidade, uma individualidade, o que dá certo para alguns, não dá para outros e que em todo processo, a única pessoa que tem o discernimento de dizer qual seria a melhor escolha para o paciente, é o médico responsável por ele!

Se queremos acompanhar os passos que o nosso próprio sistema está dando, inte-

grando a população nessa tomada de decisão, como indústria farmacêutica deveríamos ser responsáveis por ajudar nessa educação não promocional, sem que isso fosse visto como uma coisa ilegal. Educar com responsabilidade não deveria ser confundido com promoção indireta ou promoção indevida. Alguns limites deveriam ser revistos com transparência e ética.

Por enquanto, sem nos debruçarmos nos meios, sem sabermos efetivamente o resultado dessa inovação, seguimos parabenizando nosso novo modelo de ATS, que dispara na frente com a transparência e compromisso de democratizar o sistema com uma atuação participativa. Parabéns ao SUS! E seguiremos atentos para que essas boas ações e boas intenções estejam devidamente construídas em seus propósitos legítimos, e não fiquem apenas no papel!

Gostaria de terminar este artigo com uma reflexão sobre o papel do Advocacy nas empresas. Com os meios de comunicação e informação que a indústria farmacêutica possui, precisamos tornar o Advocacy mais estratégico e liderar nas tomadas de decisão. As melhores e mais fiéis opiniões surgem com base em fatos, dados e transparência de informação. 

Thais Moreno é Gerente Senior de Advocacy & Public Affairs Bayer S/A.
E-mail: thais.moreno@bayer.com

A Covid-19 e os desafios nas ciências farmacêuticas

Em breve intervalo de tempo, grande número de projetos de pesquisas para a elaboração de vacinas contra a Covid-19 foram apresentados às autoridades da saúde, em muitos países, com utilização de diferentes tecnologias e mecanismos de ação.

A Covid-19 surgiu há cerca de 10 meses e, de um surto epidêmico localizado em Wuhan, na China, se tornou uma das mais graves pandemias da humanidade.

Durante este reduzido intervalo de tempo nos foi possível revisitar o passado, recuperar registros e estudar os ensinamentos epidemiológicos de outros fenômenos similares, na incessante busca por conhecimentos que pudessem ser aplicados para conter a Covid-19.

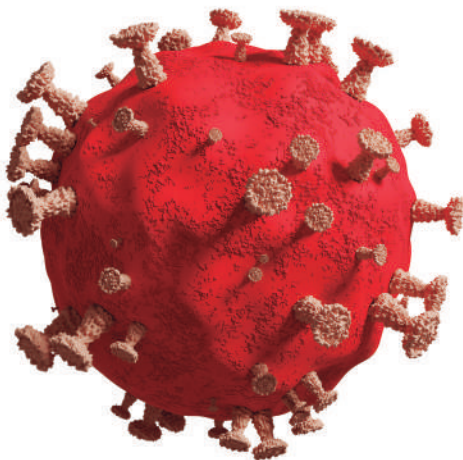
O tempo passou célere e, surpreendentemente, não se conseguiu reduzir o impacto prognosticado por epidemiologistas, especialistas, organismos oficiais nacionais e internacionais.

Apesar de algumas semelhanças com outras pandemias, a Covid-19 se disseminou com altíssima velocidade em virtude dos meios atuais de transporte, e a população

pode acompanhar diariamente os fatos através dos meios de comunicação. A velocidade de disseminação da doença e o acompanhamento da evolução foi muito diferente das mais graves pandemias da humanidade.

Inúmeros profissionais da área da saúde de todo o mundo, independentemente de suas especializações, se debruçaram em leituras de textos sobre pandemias do passado remoto e mais recentes, em busca de algo inovador para reduzir ou minimizar os danos prognosticados.

Muitos cientistas estruturaram projetos e iniciaram suas pesquisas amparados por recursos colocados à disposição por órgãos governamentais. Agências que regulamentam medicamentos, vacinas e testes de diagnóstico flexibilizaram normas para acelerar o registro, possibilitar o uso de novos produtos, bem como atender aos propositores de projetos de pesquisas.



O reposicionamento de fármacos, estruturado com base em critérios científicos, acabou sendo atropelado por intervenção de políticos que alimentaram polêmicas, inclusive com promoção de produtos sem amparo científico.

A EPIDEMIOLOGIA E SEUS EIXOS TEMÁTICOS

Os conceitos epidemiológicos, colocados em segundo ou terceiro plano de nosso dia a dia antes desta pandemia, foram rapidamente retomados, pois serviram de orientação para ações que poderiam estar ao alcance de nossas reflexões, hipóteses e teses. A seguir, estamos reproduzindo a definição atribuída a Rouquayrol e Goldbaum, que definem **epidemiologia** como sendo “a ciência que estuda o processo saúde-doença em coletividades humanas, analisando a distribuição e os fatores determinantes das enfermidades, danos à saúde e eventos associados à saúde coletiva, propondo medidas específicas de prevenção, controle ou erradicação de doenças, fornecendo indicadores que sirvam de suporte ao planejamento, administração e avaliação das ações de saúde”.

Nesta definição, estão sublinhados os itens que pudemos acompanhar diariamente pelos veículos de imprensa, ou seja, estudo do processo saúde-doença, análise da distribuição e fatores determinantes das enfermidades, propostas e adoção de medidas preventivas, estabelecimento de indicadores para suporte das autoridades, e administração e avaliação das ações da saúde.

A propagação da Covid-19 se disseminou em alta velocidade, exigindo ações de autoridades para se evitar o caos com isolamento social, quarentena, cancelamento de viagens internacionais, fechamento de fronteiras, uso de máscaras, anteparos, soluções antissépticas, hospitais de campanha etc. etc. Com todas essas medidas conseguiu-se retardar a disseminação, apesar do forte impacto social e na saúde dos infectados.

Em curto intervalo de tempo estavam sendo divulgadas as características da enfermidade, com detalhes da evolução e agravamento do estado de saúde dos pacientes, adoção de procedimentos em hospitais (ventiladores) e terapias para tratamento dos sintomas (anti-inflamatórios, antibióticos, entre outros). Concomitantemente, os pesquisadores divulgavam os projetos de pesquisas, obtendo autorizações especiais de uso de alguns medicamentos e rápidas aprovações para o desenvolvimento de vacinas.

Com os recursos tecnológicos para metodologias analíticas atualmente existentes, várias pesquisas foram e estão sendo realizadas no sentido de entender se o agente etiológico, manteve-se inalterado ou sofreu alterações/mutações na Itália, Espanha, Reino Unido, Estados Unidos da América do Norte e Brasil. No momento atual, existem estudos que demonstram ligeiras alterações da cepa original do vírus que chegou ao Brasil, cepa esta provinda da Itália, a qual parece ser oriunda de uma mutação mais virulenta que aquela original da China.

PESQUISAS CLÍNICAS COM REPOSICIONAMENTO DE FÁRMACOS

No campo das pesquisas clínicas, um número muito elevado de estudos foi autorizado por autoridades da saúde do Brasil e imediatamente iniciados, como forma de apoio aos pesquisadores. A maioria destes projetos esteve orientada para a comprovação da eficácia de fármacos antivirais já utilizados na terapêutica de outras infecções, bem como de alguns agentes parasiticidas que apresentam atividade antiviral em ensaios laboratoriais.

O reposicionamento de fármacos, estruturado com base em critérios científicos,

acabou sendo atropelado por intervenção de políticos que alimentaram polêmicas, inclusive com promoção de produtos sem amparo científico.

As expectativas iniciais dos defensores do uso dos fármacos cloroquina, hidroxiclороquina, nitazoxanida e ivermectina, agentes com potencial ação na prevenção e tratamento da Covid-19 decepcionaram, pelo menos até o momento.

Alguns resultados preliminares das pesquisas com esses fármacos demonstram efeito quando utilizados no início de tratamento e praticamente são inócuos quando utilizados em pacientes com estágios de saúde agravados. Até o momento algumas pesquisas, em fase final de realização, estão apresentando resultados conclusivos modestos em relação às expectativas otimistas iniciais.



A DISSEMINAÇÃO GRADUAL, NÚMERO DE ÓBITOS E ÍNDICES DE MORTALIDADE

A disseminação da Covid-19 iniciou-se pela cidade de São Paulo, estendendo-se gradualmente para outras capitais e regiões brasileiras. Os dados de infectados demonstram gradientes de disseminação da virose e diferentes índices de morbo-mortalidade.

Dados coletados em 10 de maio, 8 de junho e 10 de outubro de 2020, relativos ao número de óbitos nas cinco diferentes regiões brasileiras, bem como os índices de mortalidade por 100.000 pessoas mostram que a apesar da disseminação da doença ter se iniciado na Região Sudeste, propagou-se mais velozmente para as Regiões Norte e Nordeste e mais lentamente para as Sul e Centro-Oeste do Brasil. A Região Sul é aquela que apresenta menores índices de mortalidade nas datas relacionadas.

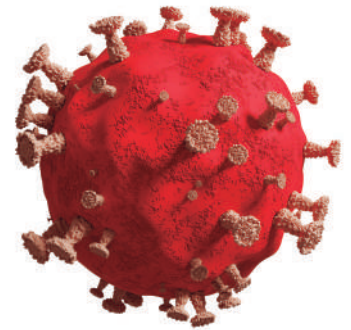
Os testes utilizados para o diagnóstico da Covid-19 foram desenvolvidos e validados em curto intervalo de tempo. A utilização dos testes PCR, considerado “padrão ouro” para diagnóstico, enquanto os testes de antígenos/anticorpos para detectar as proteínas que caracterizam a infecção (IgM) e a presença de anticorpos (IgG) estão sendo aplicados para avaliação rápida de infectados e de pessoas com anticorpos desenvolvidos contra a doença.

Um significativo número de pessoas apresenta reação positiva para a Covid-19, sem significantes ou sintomas típicos desta virose. Segundo estimativas realizadas por entidades internacionais, cerca de 80% dos infectados se recuperam da enfermidade sem necessitar de tratamento hospitalar e cerca de 15% ficam gravemente doentes.

AS VACINAS PARA IMPEDIR A EVOLUÇÃO DA COVID-19

Em breve intervalo de tempo, grande número de projetos de pesquisas para a elaboração de vacinas contra a Covid-19 foram apresentados às autoridades da saúde, em muitos países, com utilização de diferentes tecnologias e mecanismos de ação. Constam de relatórios da OMS – Organização Mundial da Saúde que existem 178 vacinas em estudos pré-clínicos e clínicos. Destas, 44 estão em estudos clínicos (fases I, II e III), sendo que 10 na Fase III e 2 destas em fase final de estudos clínicos no Brasil.

Antes de ser liberada para a população, uma vacina tem de passar por três fases de ensaios clínicos que comprovem sua segurança e eficácia. A cada etapa, mais voluntários são recrutados e os resultados dos testes são analisados para assegurar que uma vacina possa ser registrada em órgãos oficiais e autorizada sua utilização.

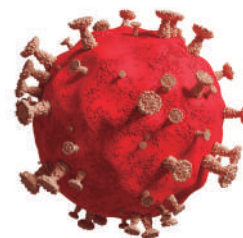
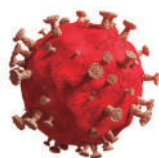


A seguir estão descritas as fases, número de voluntários e conhecimentos que se esperam adquirir.

Fase I – É uma avaliação preliminar da segurança do imunizante; é realizada com um número reduzido (algumas dezenas) de voluntários adultos saudáveis, que são monitorados. Os resultados possibilitam entender a resposta que a vacina produz no organismo humano.

Fase II – O estudo é realizado com centenas de voluntários. A vacina é administrada em pessoas com características semelhantes àquelas para as quais ela é destinada. Nessa fase é avaliada a segurança, imunogenicidade (ou a capacidade de proteção), a dosagem e como deve ser administrada.

Fase III – Ensaio em larga escala (com milhares de indivíduos), cujos resultados possibilitam uma avaliação definitiva da sua eficácia e segurança. Além disso, serve para prever efeitos adversos e assegurar a durabilidade da proteção. Somente após esta fase é que se pode solicitar o registro sanitário.



Voltar ao Sumário

PRINCÍPIOS TECNOLÓGICOS

As vacinas em desenvolvimento contra a Covid-19 estão utilizando pelo menos quatro princípios tecnológicos: vírus inativado, vetor viral, componente genético e de proteína do SARS.CoV-2. Todas têm por objetivo induzir o sistema imunológico humano a se proteger do vírus.

A vacina CoronaVac foi desenvolvida pela empresa Sinovac. Está em testes em parceria com o Instituto Butantan. É produzida pela replicação viral em cultura de células, purificação e inativação do vírus. É formulada com adjuvante de hidróxido de alumínio. Este conceito tecnológico é considerado tradicional tendo sido utilizada na produção de outras vacinas de uso humano (anti-rábica, anti-pólio- Salk, entre outras).

Em estudos pré-clínicos, a CoronaVac se mostrou eficiente na produção de anticorpos e no teste de soro-neutralização do vírus em camundongos e primatas não humanos. Nos testes toxicológicos pré-clínicos, a vacina se mostrou segura, sem efeitos adversos em animais de laboratório. Nos testes clínicos fase I/II, a Coronavac se mostrou segura em voluntários saudáveis. Nos estudos Fase III realizados na China, a CoronaVac apresentou-se efetiva na produção de anticorpos contra o SARS.CoV-2, com

ocorrência de 35% de reações adversas toleráveis (febre baixa, dor local e dor de cabeça leve), não tendo sido registradas reações graves. Os resultados preliminares dos estudos em realização no Brasil confirmam os resultados obtidos na China.

A vacina Ch7AdOx foi desenvolvida pela Universidade de Oxford e em parceria com a AstraZeneca está em testes sob a coordenação da UNIFESP em São Paulo. O princípio tecnológico é designado de vacina vetorizada não replicante. Utiliza-se um adenovírus de chimpanzé, onde parte do genoma responsável pela replicação é removido e adicionado genoma da "spikeprotein" do vírus SARS.CoV-2.


Em estudos pré-clínicos, a vacina se mostrou capaz de produzir anticorpos neutralizantes e nos ensaios toxicológicos não apresentou efeitos indesejáveis. No estudo clínico fase I/IIa, a vacina se mostrou segura. Na fase IIb, a vacina apresentou em 70% dos voluntários eventos adversos toleráveis (febre, dor no braço e dor de cabeça), e em 35% eventos adversos sistêmicos também toleráveis como náusea, vômitos e mal-estar. Só existe uma vacina registrada com este princípio tecnológico, que é a vacina de ebola registrada na FDA em 2019, porém, o vetor utilizado é o vírus da estomatite vesicular.

A Sputnik V, desenvolvida pelo Instituto Gamaleya da Rússia, também utiliza o princípio tecnológico de vacina viral. Está na Fase III de ensaios clínicos, tendo sido aprovada para produção na Rússia.

As vacinas desenvolvidas pelas empresas Moderna e BioNTech/Pfizer, também em Fase III de desenvolvimento, na América do Norte e Europa, utilizam componente genético do SARS.CoV-2.

As vacinas que estão utilizando proteína ou alguma fração do vírus SARS.CoV-2 como princípio tecnológico para produzir resposta imunológica são várias. Destas, apenas a Novavax está na Fase III de ensaios clínicos.

As tecnologias que utilizam vírus inativados e fator viral estão em estágio mais adiantado de desenvolvimento, enquanto aquelas que utilizam componente genético e proteína ou fração proteica do vírus SARS.CoV-2 são em maior número e estão nas Fases I e II de ensaios clínicos.

Com base na variedade de princípios tecnológicos e nos esforços generalizados de instituições públicas e empresariais, bem como nos resultados disponíveis até o momento, pode-se alimentar expectativas otimistas de que, em breve, estarão disponíveis algumas opções para imunização de populações ameaçadas pela Covid-19. 

A disseminação da Covid-19 iniciou-se pela cidade de São Paulo, estendendo-se gradualmente para outras capitais e regiões brasileiras. Os dados de infectados demonstram gradientes de disseminação da virose e diferentes índices de morbo-mortalidade.

Acácio Alves de Souza Lima Filho é Acadêmico Presidente da Academia de Ciências Farmacêuticas do Brasil.
E-mail: acaciolima@gmail.com

Lauro Domingos Moretto é Acadêmico Presidente Emérito da Academia de Ciências Farmacêuticas do Brasil.
E-mail: lauromoretto@terra.com.br



VIAGRA X AH-ZUL Violação de Trade Dress

A despeito de não haver qualquer previsão expressa acerca da proteção do trade dress, a utilização indevida de elementos distintivos de um produto ou características de um estabelecimento é passível de indenização por concorrência desleal.

Em uma importante decisão para os fabricantes de medicamentos de referência, as empresas EMS S/A e LEGRAND PHARMA INDUSTRIA FARMACÊUTICA LTDA. foram condenadas, em 01.09.2020¹, ao pagamento de R\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de reais), a título de danos morais, às empresas LABORATORIO PFIZER LTDA e PFIZER PRODUCTS INC., tendo em vista a reprodução indevida de elementos distintivos do medicamento VIAGRA, entre eles, o *trade dress* da pílula azul.

Mas do que se trata exatamente o *trade dress* e por que elas foram condenadas?

O *trade dress* é um termo em inglês, que, em tradução livre, poderia ser “vestimenta comercial”. Alguns doutrinadores da área de Propriedade Intelectual o chamam de conjunto-imagem, ou seja, o conjunto de elementos que identificam um produto, um serviço e até mesmo um estabelecimento comercial.

O medicamento VIAGRA, por exemplo, sempre foi conhecido por sua cor azul e pelo formato de diamante, sendo o consumidor capaz de identificá-lo, ainda que não tivesse a marca estampada em sua embalagem. Tanto é que o VIAGRA ficou nacionalmente conhecido como “diaman-

te azul/blue diamond”, “azulzinho” e/ou “pequena pílula azul”. Isso é o *trade dress*: o conjunto de elementos distintivos capazes de individualizar um produto ou serviço, sem necessidade da marca/ nome para que o consumidor o identifique.

A despeito de não haver qualquer previsão expressa acerca da proteção do *trade dress*, a utilização indevida de elementos distintivos de um produto ou características de um estabelecimento é passível de indenização por concorrência desleal. Isso porque o artigo 209 da Lei da Propriedade Industrial nº 9.279/96 (LPI) prevê:

Art. 209. Fica ressalvado ao prejudicado o direito de haver perdas e danos em ressarcimento de prejuízos causados por atos de violação de direitos de propriedade industrial e atos de concorrência desleal não previstos nesta Lei, tendentes a prejudicar a reputação ou os negócios alheios, a criar confusão entre estabelecimentos comerciais, industriais ou prestadores de serviço, ou entre os produtos e serviços postos no comércio. (Negritamos)

Por essa razão, em 25.10.2010, a PFIZER ingressou com uma ação judicial contra a

O medicamento VIAGRA, por exemplo, sempre foi conhecido por sua cor azul e pelo formato de diamante, sendo o consumidor capaz de identificá-lo, ainda que não tivesse a marca estampada em sua embalagem.

EMS e a LEGRAND, fundamentada, entre outros motivos, na reprodução indevida dos elementos distintivos do VIAGRA, na embalagem do medicamento similar AH-ZUL, na qual eram utilizados a mesma cor e desenhos de diamantes, criando uma falsa associação com o produto VIAGRA das Autoras.

Em sua defesa, as Rés, EMS e LEGRAND, alegaram, entre outros argumentos, que a cor azul seria “funcional” do fármaco, tendo em vista que o AH-ZUL seria o “genérico” do VIAGRA e que não haveria risco de confusão entre as embalagens secundárias/externas dos produtos.

Na decisão de 1ª instância², a juíza analisou item por item dos produtos e de suas embalagens e entendeu que a cor azul não seria passível de exclusividade, em vista do que está previsto no artigo 124, inciso VIII, da LPI³. Além do mais, ela afirmou que a embalagem do AH-ZUL em nada se confundia com a do VIAGRA, pois aquela apresentava desenhos de triângulos, e não de diamantes, enquanto esta possui apenas um losango atrás da marca do produto.

A juíza também entendeu que não haveria qualquer risco de confusão para os consumidores: primeiro, pelo formato dos comprimidos – o AH-ZUL é redondo e o VIAGRA em forma de diamante – e, segundo, porque os medicamentos são de uso controlado e, portanto, não ficam disponíveis ao consumidor, como os medicamentos de venda livre.

Já em 2ª instância, o resultado foi bem diferente, pois houve a análise comparativa do conjunto-imagem dos produtos, ou seja,

do *trade dress* do VIAGRA em relação ao do AH-ZUL, e não dos elementos distintivos isoladamente, como na 1ª instância.

Assim sendo, a EMS e a LEGRAND foram condenadas ao pagamento do valor de 5 milhões de reais, a título de danos morais, devido à concorrência desleal, além de ter que alterar a embalagem do seu produto AH-ZUL. Ademais, elas foram condenadas a indenizar a PFIZER pelos benefícios que esta teria auferido se a violação não tivesse ocorrido⁴.


Essa condenação teve como fundamento, entre outros, a associação indevida do medicamento AH-ZUL ao VIAGRA, tendo em vista a utilização da cor azul e dos triângulos que remetem a diamantes. A decisão destaca ainda que a utilização de elementos distintivos do VIAGRA caracterizaria um aproveitamento do reconhecimento do produto da PFIZER.

Nesse sentido, segundo dados do processo, a PFIZER investiu maciçamente na publicidade do VIAGRA. Tanto é que, desde 28.03.2017, a marca VIAGRA é considerada de alto renome⁵ pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial – INPI⁶. Além disso, segundo informações contidas na decisão de 2ª instância, em 2002, o IBOPE realizou uma pesquisa e constatou que o VIAGRA é conhecido por 79% da população brasileira, 45% o reconhecem pela cor azul e 10% pelo seu formato de diamante.

É importante salientar que ainda cabe recurso da decisão de 2ª instância. Entretanto, independentemente de a condenação da EMS e da LEGRAND ser mantida ou não, é fundamental que os empresá-

rios e os profissionais de marketing atencem para as decisões judiciais que tratem de *trade dress*, pois é cada vez mais recorrente no mercado a utilização indevida de elementos distintivos, que não são passíveis de registro, mas que criam confusão entre os consumidores ou, no mínimo, uma falsa associação entre os produtos e/ou serviços de empresas distintas.

Nesse aspecto, vale dizer que a falta de uma legislação específica sobre o *trade dress* não deve ser motivo para a usurpação de direitos alheios e para a concorrência desleal e, sempre que isso ocorrer, a via judicial poderá ser a única solução.

Já nos ensinava a Bíblia, “*pois o que o homem semear, isso também colherá*”. Portanto, aquele que se aproveita dos esforços alheios para o reconhecimento de seu produto/serviço está colhendo o que não plantou. 

Notas:

¹ Apelação cível n.º. 0043169-48.2010.8.26.0564, 3ª Câmara de Direito Privado do Tribunal de Justiça de São Paulo, julgado em 01.09.2020.

² Processo n.º. 0043169-48.2010.8.26.0564, 7ª Vara Cível - Foro de São Bernardo do Campo, julgado em 18.06.2014.

³ Art. 124. Não são registráveis como marca: VIII - cores e suas denominações, salvo se dispostas ou combinadas de modo peculiar e distintivo.

⁴ Artigo 208, da LPI: “a indenização será determinada pelos benefícios que o prejudicado teria auferido se a violação não tivesse ocorrido”.

⁵ CAPITO, Tais, “Marcas de alto renome no segmento farmacêutico”, Revista UPpharma n.º 187, ano 43, setembro/outubro de 2020.

⁶ https://www.gov.br/inpi/pt-br/servicos/marcas/arquivos/guia-basico/inpi_marcas_marcasdealtorenomeemvigncia_01_09_2020.pdf/view (visitado em 01/11/2020)

Tais Capito é advogada especializada em Direito Empresarial pela PUC/SP, com atuação na área de Propriedade Intelectual há 10 anos, e Sócia-Diretora da Capitto Marcas e Patentes Ltda.
E-mail: contato@capittomarcas.com.br



Espiritualidade Afinal, o que é isso?

Atualmente, médicos e psicólogos vêm pesquisando e encontrando benefícios da espiritualidade no combate ao estresse, à depressão e às doenças cardiovasculares.

Muita gente torce o nariz quando ouve falar em espiritualidade, e aposto que, pelo menos, metade delas, não saberia definir corretamente a palavra.

A maioria associa-a imediatamente à religiosidade e, ao fazê-lo, já demonstra sua ignorância no assunto.

Ainda existem pessoas que, por exemplo, confundem espiritualismo com espiritismo. São expressões parecidas, mas com significados diferentes.

O espiritismo é uma doutrina religiosa e filosófica, existente desde 1857, definida como “a doutrina fundada sobre a existência, as manifestações e o ensino dos

espíritos”. Já o espiritualismo, que não está necessariamente ligado à nenhuma crença, doutrina ou religião, refere-se à postura ou pensamento da pessoa que vê transcendência espiritual nas ações humanas e nas manifestações da Natureza, recusando a explicação materialista e casuística dos fatos, podendo estar ou não ligada a alguma prática religiosa.


O espiritualismo vê além do convencional, porque enxerga a vida e as pessoas com a alma e o coração e percebe aspectos e características que escapam da visão puramente mecanicista.

Uma forma simples de comprovar que espiritualidade não tem, necessariamente, conotação ou ligação com religiosidade

ou misticismo, está no fato de que ateus, que tradicionalmente não creem em divindades, nem praticam religiões, podem ser espiritualistas – o que pode soar estranho ou contraditório para algumas pessoas, mas não o é.

Recentemente, a William Marsh Rice University, comumente conhecida como Rice University, localizada em Houston, Texas, realizou uma pesquisa com 275 cientistas americanos que se declaram ateus. Pois bem, 72 deles afirmaram ser espiritualistas. Segundo eles, essa posição, por ser pessoal e construída de forma individual, é compatível com a ciência, mas não com a religião, que é coletiva e dogmática.

Portanto, fiquemos com o entendimento de que a espiritualidade é uma característica humana que busca significado para a vida por meio de posturas e atitudes “que transcendem o tangível, procurando uma conexão com algo maior que si próprio”.

Atualmente, médicos e psicólogos vêm pesquisando e encontrando benefícios da espiritualidade no combate ao estresse, à depressão e às doenças cardiovasculares. Será que não é chegado o momento de algumas pessoas reverem seus conceitos? O mundo agradece. 



Floriano Serra é Psicólogo, Palestrante, Escritor e Diretor Executivo da Consultoria Somma4 Gestão de Pessoas.
E-mail: florianoserra@terra.com.br

Assuntos Médicos

Especialidades



Seus produtos em **destaque**
para o médico certo.

multi-channel digital marketing

Se o seu laboratório tem uma BU para alguma destas especialidades, agende uma visita:
dpm@dpm.srv.br

- Cardio
- G.O.
- Derma
- Hospital / Dor

Marketing de conteúdo inteligente para mais de 70.000 médicos



Tels.: (11) 553359-00 / (11) 98787-4080 - dpm@dpm.srv.br

www.snifbrasil.com.br

**As notícias e informações
do mercado farmacêutico
em tempo real.**



DPM Editora
(11) 5533-5900